

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTES E DESIGN
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Relicários das Almas

A escrita poética e os livros de artista no ensino da arte

TAMIRES VANINI DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Escola de Arquitetura, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Agda Cristina Brigatto

CAMPINAS
2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTES E DESIGN
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
TAMIRES VANINI DA SILVA

*Relicários das Almas:
A escrita poética e os livros de artista no ensino da arte*

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586r	<p>Silva, Tamires Vanini da</p> <p>Relicários das Almas : a escrita poética e os livros de artista no ensino da arte / Tamires Vanini da Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>186 f.il.</p> <p>Orientador: Agda Cristina Brigatto.</p> <p>TCC (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais, Escola de Arquitetura, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte-educação. 2. Livro de Artista. 3. Escrita. I. Brigatto, Agda Cristina. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Arquitetura, Artes e Design. Faculdade de Artes Visuais. III. Título.</p>
-------	--

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 12 de dezembro de 2024 pela comissão examinadora:

Prof.ª Dr.ª Agda Cristina Brigatto
Orientadora e presidente da comissão examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof.ª Dr.ª Magali Aparecida de Oliveira Arnais
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof.ª Letícia Helena Fioramonte
Colégio Rio Branco Campinas

CAMPINAS
2024

Agradecimentos

O desenvolvimento deste trabalho contou com o apoio e afeto de muitos corações, dentre eles agradeço:

Ao meu pai, Marcelo, por sua força ancestral e esforço inesgotável em me fazer acreditar que posso criar tudo aquilo que sonhar. Agradeço por ser um alicerce, diariamente contrariando as estatísticas e sobrevivendo para me lembrar de que o conhecimento é o único bem que não pode ser tirado de nós.

À minha mãe, Luciana, por ser minha âncora e garantir que o caminho dessa longa aventura fosse mais leve e suave. Agradeço pelas intercessões, pela torcida, pelo entusiasmo e por todos os olhares sorridentes que me encontravam ao fim de cada dia – sua confiança em cada passo meu tornou a caminhada mais bonita.

Aos meus avós Henrique e Isabel, pelos incansáveis cuidados e pela infinita dedicação. Sou grata pelos ensinamentos e pela certeza de que eu nunca caminharia sozinha. O amor incondicional de vocês por mim me fez ser quem sou hoje.

À alma do meu tio Ricardo, aquele que me ensinou que é possível amar o coração de alguém que nem cheguei a conhecer. Ao seu espírito artístico e revolucionário, que provavelmente amaria minha escolha de graduação, dedico esta pesquisa e todas as minhas futuras aventuras por estes mares, sempre me comprometendo a continuar lutando pela arte e pela educação – por mim e por ele.

À minha orientadora Prof.^a. Dr.^a. Agda Brigatto, por ser minha força motriz durante essa jornada. Sou grata por seu olhar atento e humano, pela escuta amorosa e empática, pelos conselhos e pela força e potência de uma mulher arte educadora. Sua presença mediadora nesse processo foi a chave para que este trabalho fosse feito com o coração.

Ao Colégio Santa Felicidade, por me receber de braços abertos e acolher meus sonhos e poesias – seus corredores me ensinaram que a educação pode ser libertadora, criativa e coletiva. Agradeço por me mostrar que quando conquistamos autonomia, podemos escolher trilhar os caminhos que nos tornam felizes.

Aos meus alunos, aqueles que são a alma deste trabalho, que me ensinam, todos os dias, que a educação é feita de pessoas, de vida e de afeto. Agradeço, com tudo que sou, por me permitirem conhecer aquilo que constitui suas almas.

“Com a fúria da beleza do Sol”.
(Emicida)

arte
livro
afeto
poesia

Resumo

Este projeto de pesquisa investiga o papel da escrita poética na construção de Livros de Artista dentro do contexto da educação, a fim de permitir que os alunos entrem em contato com a experimentação de materiais, a construção tridimensional e a escrita vinculada àquilo que existe de mais interno e íntimo em nossas almas: emoções e sentimentos. Para que o desenvolvimento desta pesquisa fosse possível, foi realizado um estudo bibliográfico dos escritos de Henri Wallon, Célestin Freinet, Fayga Ostrower e Paulo Silveira e a posterior aplicação de um plano de curso, sobre a temática em questão, para os alunos do Ensino Médio de uma escola particular em Jundiaí. O objetivo principal, tanto da pesquisa quanto da aplicação prática, é identificar as potencialidades da experimentação e do processo criativo.

Palavras-chave: arte-educação, livro de artista, escrita, afeto.

art
affection
book
poetry

Abstract

This research project investigates the role of poetic writing in the construction of Artist's Books within the context of education, in order to allow students to come into contact with experimentation with materials, three-dimensional construction and writing linked to what is most internal and intimate in our souls: emotions and feelings. In order to make this research possible, a bibliographical study of the writings of Henri Wallon, Célestin Freinet, Fayga Ostrower and Paulo Silveira was carried out, followed by the application of a course plan on the subject in question for high school students at a private school in Jundiaí. The main aim of both the research and the practical application is to identify the potential of experimentation and the creative process.

Keywords: art education, artist's book, writing, affection.

Sumário

1. Toda história tem um começo	19
2. Caminhos da pesquisa	31
3. Felicidade: onde as vozes tornam-se poesia	47
4. Processos: entre vivências e experimentações	57
4.1. O peso das palavras	59
4.2. O significado dos materiais	63
4.3. O amor é amarelo	65
5. Livro de Artista: a potência da materialidade	73
6. Texto Livre: a escrita segundo Freinet	95
7. O afeto na educação	107
7.1. O conjunto afetivo e a adolescência	115
8. Relicários das Almas: onde habitam as poesias	121
8.1. Lágrimas da Mariá	123
8.2. Fases do Malta	137
8.3. Terrores do Raul	145
8.4. Metamorfoses da Lívia	152
8.5. O vínculo de todas as almas	161
Considerações Finais	171
Referências Bibliográficas	181



Toda história tem um começo

criação
arte
poesia
afeto

Toda história tem um começo

O que é necessário para acreditar na educação? Para mim, bastaram algumas camisetas antigas, um tecido amarelo, uma máquina de costura e o pedido inusitado de um aluno: fazer uma fantasia de Mamonas Assassinas para o Sarau da escola. A ideia entusiasta de um grupo de alunos me fez revisitar memórias da infância, retomar saberes engavetados pelo tempo e sentir aquela euforia de estar experimentando algo novo. O processo de construção das fantasias foi regado de fazeres intuitivos, erros, comemorações dos acertos, trocadilhos inteligentes e conversas profundas sobre a importância do cinema brasileiro. Ouso dizer que uma única tarefa de costurar um short amarelo foi capaz de desencadear processos interdisciplinares não previstos, mas que tornaram a criação muito mais interessante. Ao longo de duas semanas, o projeto inusitado tornou-se a motivação das manhãs: criamos uma força tarefa na qual eu assumia a máquina de costura, enquanto o aluno sonhador desafiava-se na construção dos corações amarelos que estampariam as camisetas.

Em meio ao processo, surge uma nova jogada inesperada, o grande clímax da história. Enquanto costuro, percebo um olhar atento e demorado do

aluno sobre a máquina e, após alguns minutos, a pergunta que mudaria tudo: “será que eu conseguiria mexer nisso aí?”. A indagação surgiu como uma possibilidade e, mais do que depressa, cedi o meu lugar, puxei mais uma cadeira e dei início a uma explicação empolgada de como utilizar uma máquina de costura. No dia seguinte, após a minha explanação que não possuía grandes expectativas, o aluno assumiu oficialmente o posto, trabalhando brilhantemente nas barras das capas amarelas. Ali, senti uma alegria enorme, tão grande quanto a do momento em que entrei em contato com uma máquina de costura após mais de dez anos. O aluno, em questão de horas, aprendeu a usar a máquina de maneira fascinante e, a cada novo desafio que surgia, como a linha arrebitada ou o esvaziamento da bobina, era um novo conhecimento adquirido.

Por fim, todos os esforços levaram ao mesmo lugar: a apresentação do Sarau. Ao ver os alunos performando, com as fantasias personalizadas e as coreografias meticulosamente ensaiadas, pude perceber que existem experiências que somente a educação pode nos proporcionar. Nesse momento, eu senti não só orgulho dos alunos, mas também de mim, tanto eles quanto eu pesquisamos, experimentamos e criamos

coisas novas. Houve uma movimentação óbvia dos alunos, mas, ao fim do processo, pude perceber que eu também já não estava no mesmo lugar. Mesmo que num primeiro momento eu não tenha acreditado na minha capacidade de fazer algo novo, o aluno sonhador acreditou por mim. Foi nesse instante que compreendi que a experiência de aula como um processo de criação - no qual atuam a professora e os estudantes -, o registro e a reflexão sobre esse processo, são possíveis devido à inter-relação entre os papéis de professor-artista-pesquisador. Desta forma, percebi que a educação é mobilizadora de mudança, tanto nos alunos quanto nos professores, e essa vivência me despertou uma grande curiosidade em estudar como os processos criativos, regados pelo afeto e pelas emoções, surgem em meio aos possíveis encontros entre educador e educando. Atrelada ao interesse de pesquisar sobre as vertentes específicas do texto poético e dos Livros de Artista, esta experiência me inspirou na construção deste trabalho.

A escrita, eixo importante no desenvolvimento desta pesquisa, sempre se fez presente em minha vida. Quando pequena, adorava inventar histórias - criava personagens e universos únicos, com diálogos e figurinos sempre

meticulosamente pensados; no Ensino Médio, me apaixonei pelas aulas de literatura e pela potência das palavras, sempre rabiscando pelos cantos, mas nunca com confiança o suficiente para chamar de poesia. Anos depois, ao entrar na Universidade e me deparar com a imensidão de possibilidades de criação que um artista possui em mãos, pude sentir que havia encontrado o meu lugar, a minha forma de ver, registrar e sentir o mundo. A grande virada de chave que me fez enxergar o fazer artístico com outros olhos aconteceu em 2021, durante uma aula de Desenho de Anatomia, quando, após demonstrar minha preocupação em não saber o que apresentar como produção final, minha professora me aconselhou a representar o corpo humano da forma que eu o enxergava. Dessa maneira, reuni desenho e poesia numa produção tridimensional – um livro de artista escultórico, que concedia a mesma intensidade de protagonismo tanto para palavras quanto para as ilustrações.

Nesse momento, nasceu a obra *Relicário das Almas* (Figura 1), cujo nome inspirou o título desta pesquisa. Este foi um dos meus trabalhos favoritos da graduação, pois foi através dele que pude compreender qual era a minha linguagem artística, a maneira como eu represento e me apaixono pelo mundo. A partir desta experiência, passei a investigar os meus processos de



Figura 1: *Relicário das Almas*. Tamires Vanini. Papel paraná couro, papel kraft, tinta branca e acetato. 8x10x15cm. 2021.

escrita nos futuros trabalhos, sempre buscando novas formas de inserir a poesia no campo da criação artística, seja em meio às pinturas e desenhos ou em uma instalação urbana (Figura 2). Ao mesclar a escrita e a produção tridimensional de livros, cadernos e esculturas interativas, percebi que este é o processo que me traz alegria e, dessa forma, decidi investigar quais são as possibilidades de inserção dessa proposta em sala de aula, bem como os possíveis diálogos a serem desenvolvidos a partir da escolha de materialidades. Na pesquisa *Relicários das Almas: a escrita poética e os livros de artista no ensino da arte*, investigo o papel da produção textual poética no contexto da educação e sua inserção em Livros de Artista. Estes processos de pesquisa e criação foram baseados em teóricos cujos escritos dedicam-se à temática dos *livros de artista*, como Paulo Silveira, nas descrições de *criatividade* e *processo de criação*, de Fayga Ostrower, e tem como eixo central o conceito de *afeto*, presente nas obras de Henri Wallon, importante figura no estudo sobre o desenvolvimento humano e a educação afetiva. Além disso, a fundamentação pedagógica conta com as contribuições de Célestin Freinet, uma vez que a escola escolhida para a aplicação prática da pesquisa é baseada na pedagogia freinetiana. Para esta aplicação, foi elaborado um plano de curso que contou



Figura 2: Colagem digital utilizando registros fotográficos da instalação urbana Respiros Cotidianos. Tamires Vanini. 2024. Fonte: Acervo pessoal.

com referências artísticas como Emerica, Clarice Lispector, Leonilson, Marilá Dardot, Mira Schendel, entre outros artistas contemporâneos.

O plano em questão foi elaborado para ser desenvolvido juntamente com um grupo de estudantes do Ensino Médio do Colégio Santa Felicidade, na cidade de Jundiá, que se tornaram os protagonistas do processo de criação.

Este projeto de pesquisa e a posterior aplicação prática possuem como intencionalidade questionar duas das problemáticas encontradas em muitos ambientes escolares, as quais pude notar durante a minha atuação como educadora: a insistência na produção bidimensional nas aulas de arte e a falta de protagonismo dos sentimentos, opiniões e emoções de alunos e professores.



Caminhos da Pesquisa

prática
plano
atuação
pesquisa

Caminhos da pesquisa

O estudo da escrita poética na construção de Livros de Artista em sala de aula é de extrema relevância quando analisamos criticamente a história do ensino da arte no Brasil. Ao traçarmos uma linha do tempo desde o período colonial até os dias atuais, a educação no campo da arte, em território brasileiro, foi inicialmente baseada nos parâmetros neoclássicos, disseminados por artistas franceses. Anos depois da criação da Academia Imperial de Belas Artes, esta teve influência sobre as escolas da época, as quais começaram a incluir o desenho de retratos e cópias de estampa em seus currículos. Com a chegada da República, o desenho se torna item obrigatório nas escolas públicas de níveis primário e secundário, rompendo de vez com as imposições da Academia (Barbosa, 2016). Neste momento, essa linguagem torna-se elemento primordial na educação, uma vez que está vinculada a uma função na sociedade. Em seu texto *Síntese da Arte-Educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras*, Ana Mae Barbosa, importante teórica do ensino da arte, pontua o papel do desenho na educação durante esse período:

Rui Barbosa, um dos mais influentes políticos brasileiros da época, elaborou entre 1882 e 1883 um dos mais bem explicitados e longos projetos de educação, no qual o ensino do desenho era eixo importante nas escolas primária e secundária. O desenho era concebido como preparação para o trabalho, e o que se propunha na época era dar conhecimento técnico a todos os indivíduos, de maneira que, libertados da ignorância, fossem capazes de produzir suas invenções (Barbosa, 2016, p. 675).

Dessa forma, é possível observar que a educação em arte se construiu através do ensino de desenho que, nesse período em questão, estava vinculado ao design e ao crescimento da indústria. Em termos de legislação, o ensino da arte percorreu um longo caminho até os dias atuais. Em 1971, o Artigo 7º da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) definiu que a inclusão da Educação Artística nos currículos de primeiro e segundo grau seria obrigatória (Brasil, 1971). Já na LDB de 1996, os Artigos 2º e 6º estabeleceram, respectivamente, que o ensino da arte, agora denominado desta forma, deveria ser componente obrigatório no currículo da educação básica e seria ramificado nos campos das

artes visuais, dança, música e teatro (Brasil, 1996). Foi apenas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1996 que a presença da arte nos currículos tornou-se mais aprofundada e complexa, ganhando mais requisitos do que apenas ser obrigatória:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte têm como objetivo levar as artes visuais, a dança, a música e o teatro para serem aprendidos na escola. Por muito tempo, essas práticas foram consideradas atividades importantes apenas para recreação, equilíbrio psíquico, expressão criativa ou simplesmente treino de habilidades motoras. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, entretanto, Arte é apresentada como área de conhecimento que requer espaço e constância, como todas as áreas do currículo escolar. O aluno aprende com mais sentido para si mesmo quando estabelece relações entre seus trabalhos artísticos individuais, em grupos, e a produção social de arte, assimilando e percebendo correlações entre o que faz na escola e o que é e foi realizado pelos artistas na sociedade no âmbito local, regional, nacional e internacional (Brasil, 1996, p. 62-63).

Partindo deste histórico, torna-se compreensível o fato de que, atualmente, muitas vezes, a arte nas escolas resume-se a desenhos e trabalhos feitos somente sobre a superfície plana do papel, fato este que pude observar durante minhas experiências em ambientes educacionais. Embora esta seja a realidade de muitas salas de aula, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que é necessário “experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.)” (Brasil, 2018, p. 207).

Tendo em vista que a exploração da tridimensionalidade e das possibilidades do espaço são importantes para o desenvolvimento humano, torna-se justificável propor a inserção de Livros de Artista em sala de aula: é possível romper com os padrões vigentes de produção artística, desconstruindo a forma linear de leitura de imagens e palavras, uma vez que estas podem explorar as potencialidades do espaço no qual estão inseridas. Segundo Nannini (2016, p. 5), “a forma e a

configuração do livro são usadas para exprimir as ideias do artista, que exploram o potencial do veículo, testando seus limites, podendo manter página, sequência, texto, ilustração, impressão dos livros tradicionais ou se tornar quase escultóricos.” Portanto, a materialidade dos Livros de Artista abre espaço para experimentações, promovendo assim, uma experiência que envolve vários sentidos. Ao se tratar especificamente da escrita poética, podemos justificar a sua presença nesta pesquisa pelo fato de que, através dela, o aluno poderá entrar em contato com suas emoções, sentimentos, memórias, traumas, superações e conquistas, ou seja, com tudo aquilo que o faz ser quem é. Ao estarmos inseridos em um mundo no qual tudo acontece tão freneticamente, a escrita vem como um respiro, um minuto de silêncio e calma, para identificar e entender o que vem de dentro. Além disso, a inserção da escrita no Livro de Artista revela uma outra descoberta: o que acontece quando pensamos na palavra enquanto imagem? Qual a potência dela? Qual é a poética que uma palavra carrega? Ao inserir o texto carregado de afeto no espaço tridimensional, o aluno tem a possibilidade de

explorar e responder, se assim o quiser, a todas essas perguntas. Ao analisar o papel das palavras nos Livros de Artista de Mira Schendel (Figura 3), a pesquisadora Priscilla Nannini discorre sobre a palavra enquanto elemento visual:

Os trabalhos passam a ser consequência de uma reconfiguração empreendida pela cena contemporânea: a inserção da palavra também como elemento plástico, levando em conta sua visualidade, impondo-lhe uma ambiguidade entre seu caráter formal e o significado que carrega. Obras que consideram a forma como geradora de conteúdo, sendo a forma livro intrínseca à obra. Sua estrutura física é parte integrante do processo poético (Nannini, 2016, p. 5).

Portanto, associar a escrita ao afeto e à construção de Livros de Artista em uma pesquisa no campo da licenciatura, a qual contempla a aplicação de um plano de curso, é de extrema relevância para compreender os caminhos da expressão dos alunos, vinculada à exploração da tridimensionalidade das produções artísticas.

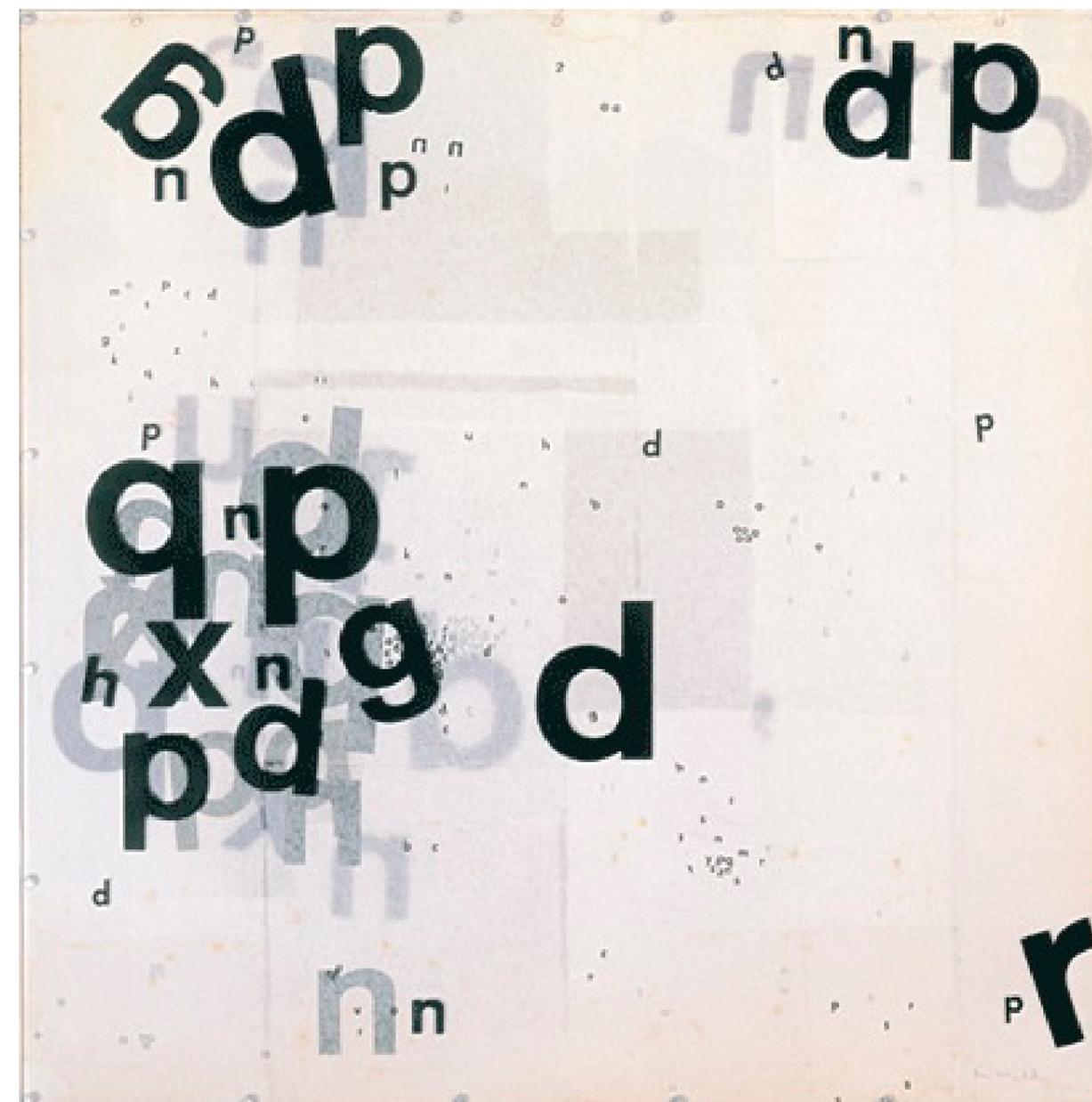


Figura 3: *Sem título*, Série *Objetos Gráficos*, Mira Schendel, 1973. Fonte: WIKIART. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/mira-schendel/untitled-from-the-series-graphic-objects-1973>>. Acesso em: out 2024.

Tendo em vista os diferentes tipos de materialidade a serem descobertos e a potência das palavras, a pesquisa tem o intuito de compreender como as linguagens da escrita e da produção manual se misturam, buscando identificar as possíveis rupturas em relação à construção convencional de livros. Sendo assim, o projeto como um todo objetiva incentivar a criatividade e a subjetividade dos alunos, uma vez que estes podem entrar em contato com materiais que sirvam de suporte para contemplar aquilo que está presente internamente em seus corpos e almas e que será externalizado através da escrita.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizei uma análise bibliográfica de publicações referentes às temáticas da escrita, do afeto na aprendizagem e da construção de Livros de Artista, buscando estabelecer conexões entre os assuntos citados e entender seus desdobramentos no contexto da educação. Como aplicação prática, desenvolvi um plano de curso relacionando estas temáticas, o qual foi realizado com os alunos do Ciclo 6 (Ensino Médio) do Colégio Santa Felicidade, na cidade de

Jundiaí. Os estudantes que fizeram parte do projeto estão na faixa etária dos 15 aos 17 anos e estão acostumados a desenvolver projetos em grupo e individuais, sempre inspirados pelo ideal de autonomia, elemento importante da pedagogia Freinet, a qual é utilizada na escola em questão. Em termos de planejamento e duração, o plano foi desenvolvido ao longo dos meses de abril, maio e junho de 2024, com encontros semanais.

Durante este período, realizei as seguintes atividades juntamente com os alunos: exercícios de escrita criativa e de análise de textos como cartas, poemas e letras de música, bem como dos processos criativos envolvidos; aulas expositivas sobre o papel da escrita; principais referências de artistas e escritores; criação de um mural de referências e esboços de um projeto de Livro de Artista, finalizando com técnicas de encadernação. Os últimos encontros foram destinados à construção dos livros dos estudantes, os quais contêm os textos autorais desenvolvidos ao longo das aulas. O encerramento contou com uma pequena mostra dos trabalhos, uma roda

de conversa e a escrita de um relato final dos participantes, descrevendo como foi a experiência como um todo.

Após a vivência prática, realizei uma análise do processo criativo e das produções finais dos alunos, buscando estabelecer conexões com a teoria estudada. Além disso, guardei comigo os livros produzidos, bem como todos os rascunhos e esboços realizados durante a construção, com o intuito de apresentá-los na Exposição Experimental¹ da galeria da PUC Campinas durante o segundo semestre de 2024, trazendo também produções autorais que expressem meu olhar sobre esse processo.

Para realizar uma análise mais aprofundada sobre as produções, me baseei nos conceitos de *processo de criação e criatividade*, segundo os escritos da Fayga Ostrower (2010), *afeto*, a partir das contribuições de Wallon para a teoria do desenvolvimento humano, e *Livros de Artista*, segundo as análises e os escritos desenvolvidos por Paulo Silveira (2008). Além disso, os conceitos presentes na metodologia freinetiana também compõem

a pesquisa, guiando o entendimento do funcionamento da escola e das características dos alunos, fatores esses que impactaram os caminhos e as produções aqui descritas.

No campo dos referenciais artísticos, investiguei e apresentei para os alunos os trabalhos dos seguintes artistas: Emicida e Clarice Lispector, do cenário da escrita; MIKA, Daniel Sherrer, Gabi Almeida, Bruno Siqueira, Ana Johanes, Eduardo Furbino, Leonilson e Feliciano Centruirón, como artistas que inserem o texto na produção visual; e Marilá Dardot, Mira Schendel, Regina Silveira, Cláudio Goulart, Flavio Pons e Heloísa Schneiders da Silva, no campo da criação de Livros de Artista.

A metodologia desta pesquisa foi aberta, baseada nas teorias já descritas, pois, como um processo de criação artística, as situações e produções vivenciadas na escola alteraram os resultados e, até, as formas de análise. As etapas aqui descritas sofreram alterações ao longo do processo, visto que os alunos tiveram liberdade de trilhar o caminho que desejassem durante

¹Pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Artes Visuais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

o plano de curso. Tanto os conteúdos das aulas quanto os referenciais teóricos estiveram abertos a alterações mediante o surgimento dos resultados dos trabalhos. O objetivo desta pesquisa não é provar um ponto imutável, mas sim estudar os processos criativos dos alunos e da professora, com todas as complexidades e mudanças que carregam por essência, buscando compreender como esses processos dialogam entre si.



*Felicidade:
onde as vozes tornam-se poesia*

ciclos
asas
colmeia
vozes

Felicidade: onde as vozes tornam-se poesia

O plano de curso que corresponde à atuação prática desta pesquisa foi realizado no Colégio Santa Felicidade, escola particular de níveis Fundamental e Médio (Rua Prudente de Moraes, 1811 - Centro, Jundiaí - SP, 13201-004). O Santa Felicidade possui uma organização em ciclos, alguns deles multisseriados, uma abordagem que caminha na direção contrária à divisão tradicional por séries. Os ciclos são organizados da seguinte maneira: Jardim, Ciclo 1 (1º ano do Ensino Fundamental), Ciclo 2 (2º e 3º anos do Ensino Fundamental), Ciclo 3 (4º e 5º anos do Ensino Fundamental), Ciclo 4 (6º e 7º anos do Ensino Fundamental), Ciclo 5 (8º e 9º anos do Ensino Fundamental) e Ciclo 6 (todas as séries do Ensino Médio).

O Colégio está estruturado sobre a Pedagogia Freinet, abordagem que defende uma escola democrática e inclusiva, e possui uma educação baseada nos valores de “Autonomia, Criatividade, Comunidade e Felicidade”. Para que estes valores sejam aplicados na prática, a escola utiliza uma

metodologia denominada Colmeia, a qual permite uma avaliação mediadora e formativa, fundamentando-se em três pilares: aprendizado individualizado e personalizado, aprendizado coletivo – voltado ao desenvolvimento de habilidades – e acompanhamento permanente de um tutor – um professor que irá acompanhar o aluno ao longo de sua trajetória escolar.

A plataforma digital da Colmeia reúne todas as competências presentes na BNCC e as transforma em um cardápio de vetores. Desta forma, os alunos conseguem gerenciar os objetivos alcançados e receber orientação dos professores ao longo de todo o desenvolvimento dos projetos. Conforme os objetivos são cumpridos, a plataforma gera indicadores de desempenho.

Toda a dinâmica do Santa Felicidade baseia-se no sistema de Etapas de Autonomia. Nele é possível que os alunos transitem pelas seguintes fases: Autonomia Individual, Autonomia de Grupo, Autonomia de Trabalho e Autonomia de Comunidade. Após concluir os objetivos necessários, o estudante pode passar de uma autonomia para outra, ganhando a possibilidade de ter mais liberdade para usufruir dos espaços e das ferramentas que a escola disponibiliza.

Na etapa da Autonomia Individual, os alunos precisam elaborar seus projetos sob orientação e supervisão de um educador, utilizando a sala correspondente a sua autonomia. Para que futuramente este aluno possa desenvolver a habilidade de se comprometer com sua parte na criação de trabalhos com outros colegas, ele deve apenas apresentar trabalhos individuais neste momento. Num segundo estágio, na Autonomia de Grupo, os estudantes conquistam a chance de realizar trabalhos coletivos e, contanto que estejam sob a supervisão de um educador, podem escolher a sala na qual desejam trabalhar.

Ao passar para a Autonomia de Trabalho, o aluno tem a liberdade de escolher desenvolver seus projetos em qualquer espaço da escola, pois entende-se que, a partir deste momento, já não se faz mais necessária a presença de um educador – o aluno é autônomo para realizar suas próprias criações. Por fim, ao atingir a Autonomia de Comunidade, o estudante já possui toda a bagagem conquistada durante esse processo e está pronto para adquirir responsabilidades que envolvam o âmbito social. Para isso, cada aluno deve apresentar a uma banca de professores uma proposta de aula optativa que tenha como público-alvo a própria comunidade escolar. Sendo assim, todo o

aprendizado adquirido torna-se conhecimento em movimento, de um aluno para o outro. A classificação dessas etapas é de extrema importância para a análise das produções dos alunos, a qual será realizada mais adiante.

Em relação ao cotidiano escolar, o Santa Felicidade segue uma rotina um tanto quanto diferente se comparada com outras instituições tradicionais. Durante o período da manhã, os horários são divididos em dois: Módulo e Trabalho Personalizado. Os módulos correspondem às aulas e, mensalmente, cada professor desenvolve um módulo com uma temática relacionada ao seu componente curricular. Dessa forma, os alunos têm a liberdade de escolher em que querem se inscrever. A cada fim de mês, novos temas são disponibilizados. Assim como os demais componentes da escola, os módulos também apresentam uma dinâmica diferente da tradicional: menos aulas extensivamente expositivas e mais atividades interdisciplinares, com metodologias inovadoras e participação ativa dos alunos. Já o Trabalho Personalizado corresponde ao momento do dia em que os alunos se dedicam aos seus projetos: a partir da plataforma Colmeia, os estudantes podem consultar seus objetivos e contratar trabalhos com os professores.

A dinâmica das salas de aula também funciona com uma lógica específica. Sem carteiras enfileiradas, sem sinal entre as trocas de aula. As salas são divididas em duas categorias: Módulos e Trabalho Personalizado. As salas de Módulo são reservadas para as aulas e equipadas com mesas dispostas em círculos, ventiladores e televisões para conteúdos expositivos e apresentações de trabalhos. Já as salas de Trabalho Personalizado são divididas a partir das Etapas de Autonomia e todas são equipadas com ventiladores e tomadas para que os alunos possam utilizar seus computadores. As salas de Autonomia de Grupo possuem mesas circulares para auxiliar na dinâmica das discussões coletivas. Já as demais salas, possuem mesas retangulares, as quais foram construídas com os antigos quadros de giz que pertenciam à escola, como uma forma de homenagem à história do lugar.

Além destas, a escola também conta com sala de música, sala de audiovisual, uma cozinha pedagógica, um salão com palco de teatro e uma papelaria coletiva integrada à biblioteca. Em relação à papelaria, é possível classificá-la como o lugar para onde todas as ideias criativas convergem. Após contratar trabalhos com os professores, os alunos podem escolher desenvolver projetos criativos e artísticos e a sala

conta com a infraestrutura necessária para torná-los realidade. O espaço possui mesas retangulares com cadeiras e materiais de papelaria disponíveis, os quais os alunos possuem total autonomia para utilizar. Além disso, conta com um acervo de biblioteca e com impressoras, dentre elas, uma 3D.

Todos estes componentes que integram o Plano Político Pedagógico são visíveis no dia a dia da escola. Ao caminhar pelos corredores, é possível encontrar alunos gravando seus próprios filmes, entrevistando funcionários, colando cartazes ou cantando em uma roda de violão. Seguindo os ideais da Pedagogia Freinet, os alunos possuem espaços para serem ouvidos. Em alguns dias do ano, há o Microfone Aberto durante o intervalo, para que os alunos possam cantar ou recitar poesias. Para que as ideias e críticas dos alunos também possam ser ouvidas, existem as Assembleias: as de Ciclo debatem assuntos específicos do grupo, já a Geral trata dos assuntos coletivos da escola. As Assembleias possuem comissões responsáveis por organizar as pautas a serem discutidas, as quais surgem através do Jornal de Parede: recurso proveniente da pedagogia freinetiana, que consiste em um espaço no qual os alunos podem deixar papéis com suas impressões sobre a escola, a partir das categorias Crítico, Sugiro e Felicito.

Além disso, os alunos têm livre acesso à sala da direção, dessa forma toda e qualquer dúvida ou situação conflituosa pode ser facilmente levada até os coordenadores, assim como ideias inovadoras para realizar trabalhos que fogem do convencional podem ser apresentadas e são sempre recebidas com a escuta atenta, acolhedora e orientadora da coordenação. Sendo assim, é possível dizer que o Santa Felicidade é uma escola que tem como objetivo acolher os alunos, assim como seus sonhos, vozes e asas, permitindo que, assim que estiverem prontos, possam alçar os voos que desejarem.

Tais características do colégio, que incentivam os estudantes a pensarem em projetos inovadores e criativos, são elementos cruciais para a posterior análise dos Livros de Artista produzidos durante a aplicação do plano de curso que integra esta pesquisa.



*Processos:
entre vivências e experimentações*

conexões
amarelo
palavras
existência

Processos: entre vivências e experimentações

O plano de curso que corresponde à aplicação prática desta pesquisa foi desenvolvido em oito encontros e contou com a presença de quatro alunos do Ciclo 6, o qual inclui os três anos do Ensino Médio. Os alunos em questão possuem entre 15 e 17 anos e encontram-se em diferentes Etapas de Autonomia. Seguindo os princípios da escola, os integrantes desse grupo puderam escolher participar desta vivência por meio de um processo de inscrição, assim como nas demais atividades oferecidas pelo colégio. Os encontros, que foram regados de investigações, descobertas, coincidências e troca de saberes, se dividiram em três momentos principais – processos de escrita, experimentação de materialidades e produção tridimensional (Figura 4).

4.1. O peso das palavras

A primeira etapa da aplicação do plano contou com uma breve introdução à escrita poética e, para isso, os alunos desenvolveram uma série de



Figura 4: Registro dos alunos produzindo coleções inspiradas em seus universos. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

atividades relacionadas a esta temática. No entanto, não foi exigido que criassem longos textos logo de início, pois o objetivo era que os alunos pudessem compreender o grau de complexidade e profundidade da escrita a partir de uma visão que se desenvolve do micro para o macro. Desta forma, iniciamos com o cerne do texto – a palavra. Durante os encontros, discutimos a respeito da língua portuguesa e de como a utilizamos tão corriqueiramente que nos esquecemos da profundidade dos significados e da beleza das sonoridades. Após essa conversa, os integrantes do grupo desenvolveram suas listas de palavras favoritas, considerando suas trajetórias pessoais e memórias afetivas. Após explorarmos a palavra enquanto som e significado, adentramos numa nova experimentação – o espaço que a palavra ocupa. A partir da análise das produções de alguns artistas que trabalham com a inserção do texto e da poesia nos espaços – MIKA, Daniel Scherrer, Gabi Almeida, Giovana Lunetta, Bruno Siqueira, Ana Johanes, Eduardo Furbino, Leonilson e Feliciano Centurión –, os alunos puderam criar suas próprias experimentações, explorando todas as possibilidades de como preencher o espaço do papel.

Conforme o avanço dos encontros, convidei os alunos para participarem de novas dinâmicas de produção textual. Em uma delas, solicitei que formassem duplas, unissem suas listas de palavras favoritas e utilizassem esse banco de termos para criarem textos curtos que fossem inspirados por sentimentos e emoções como Amor, Tristeza e Insegurança (Escrevo estes termos com letra maiúscula, pois os sentimentos tornaram-se os protagonistas desse processo de criação, tendo extrema relevância na produção dos alunos). O objetivo dessa interação foi mostrar a eles que a criação de um texto é feita através da costura das palavras e, nesse processo, os sentimentos podem ser utilizados como fio condutor.

Além dessas vivências, os alunos também tiveram a oportunidade de realizar outras experimentações como a leitura e elaboração de cartas, lista das pequenas alegrias da vida e criação de textos temáticos. Após a participação nessas atividades, que tinham como objetivo permitir um contato com diferentes formas de escrita e de representação do que vemos e sentimos, os alunos iniciaram a jornada de escrever seus textos autorais, inspirados não somente pelas referências que conheceram durante os encontros, mas também por seus repertórios pessoais.

4.2. O significado dos materiais

Posteriormente à escrita dos textos, iniciou-se a etapa da produção dos Livros de Artista. No entanto, esse processo também foi gradual e, num primeiro momento, proporcionei a eles um espaço para experimentação de materialidades – papéis, cola, tesoura, giz, diferentes tipos de tinta e outros materiais artísticos. Pedi a eles que explorassem livremente, buscando compreender as características específicas de cada material e de que forma estas dialogam com os possíveis conceitos e mensagens que uma obra pode transmitir.

Dentro desta etapa de produção manual, os alunos também desenvolveram uma colagem livre com fotografias pessoais, com o intuito de responderem por meio dela a pergunta “Quem sou eu e do que minha alma é feita?”. Essas produções contaram com a intervenção de desenhos e frases, maneiras criativas de recortar as imagens e fotografias carregadas de histórias, sendo que muitos alunos trouxeram fotos com outros colegas que também estavam participando dos encontros. Por fim, apresentei ao grupo exemplos de painéis semânticos, explicando a importância deles no processo de criação artística e pedi que criassem um para o livro que

iriam produzir, levando em consideração o tema escolhido e o contato que tiveram com as diferentes materialidades. Os últimos encontros foram destinados à produção dos livros e nesta etapa foi possível notar a beleza da diversidade do grupo – cada aluno seguiu suas referências, seu estilo e o conceito que desejava trabalhar, criando produções únicas.

Durante os encontros, por se tratar de um grupo pequeno, foi possível ter muitas trocas com os alunos. Pudemos conversar não somente sobre os conteúdos didáticos que haviam sido planejados, mas também sobre outros assuntos que surgiram conforme avançávamos com as produções. Não delimitar o plano de curso a uma sequência engessada de ações, sem permitir desvios, me possibilitou explorar os aspectos mais pessoais dos alunos, relacionados aos gostos, aversões, medos e sonhos. Em meio às múltiplas vivências naquela sala de aula, incluindo a minha, surgiram diversas características em comum e durante uma discussão sobre cores favoritas, pude descobrir qual era o meu fio condutor nesse processo: o amarelo.

4.3. O amor é amarelo

Amarelo. Uma simples resposta de um aluno ao ser questionado sobre sua cor favorita foi capaz de ressignificar a minha experiência durante os encontros do plano de curso.

Logo no primeiro dia, reservei um momento para que pudéssemos nos apresentar, conhecer um pouco de cada um. Nessa apresentação, pedi aos alunos que fugissem do óbvio, que pensassem em uma forma mais criativa de descreverem a si mesmos. Surgiram desenhos, trechos de música, parágrafos de livros e, por fim, a minha vez. Os alunos pediram que eu, assim como eles, me apresentasse de maneira criativa, pois apesar de já saberem quem eu era, queriam me conhecer pelos meus olhos. Nesse momento, sem um planejamento prévio, decidi recitar um trecho de uma das músicas que mais gosto: “O amor cuida com carinho/ Respira o outro, cria o elo/ O vínculo de todas as cores/ Dizem que o amor é amarelo” (Principia, 2019). Logo em seguida expliquei aos alunos os motivos da minha escolha. Minha cor favorita é amarela e sempre me senti conectada com aquilo que ela pode representar: sol, energia, calor, luz, alegria. É a cor que eu enxergo o mundo e me identifico quando a letra da música do Emicida diz que o amor é amarelo

porque, quando imagino o amor, penso que ele deva ser dessa cor. Após a minha explicação, um aluno comentou que a sua cor favorita também era essa e ali criou-se a primeira conexão. Esse momento de troca com o grupo foi revigorante, como se reforçasse a ideia de que em sala de aula somos todos seres humanos, que riem, que choram, que são apaixonados por algo e que possuem coisas favoritas. Imaginei que talvez esse seria um evento isolado, mas não pude prever que a partir dali tudo estaria conectado.

Quando iniciei a desafiadora tarefa de selecionar os textos e referências que levaria para as aulas, não conhecia muito sobre a personalidade dos alunos, então inicialmente parti do meu repertório pessoal – decidi levar para eles escritores e artistas que me fazem brilhar os olhos, que enchem meu coração de amores, mas também de inquietações. Porém, havia uma questão maior em meio a tudo isso – esses artistas, autores e textos são capazes de afetar meus alunos também? Como eu garanto que eles se identifiquem? Entendi que as respostas a estas perguntas viriam com o tempo e o convívio me faria aprender sobre o que faz os olhos dos meus alunos brilharem.

Dentro do repertório selecionado, levei músicas do cantor Emicida para que os alunos pudessem ouvir, refletir, compreender como ele faz uso das palavras, selecionar os trechos favoritos e utilizá-las como pontapé inicial para outras atividades de escrita. Ao observar as músicas selecionadas, notei que, sem perceber, escolhi todas de um mesmo álbum, *AmarElo* (2019). Novamente, ele estava lá. Amarelo. O álbum do Emicida que mais me emocionou, cujo nome evidencia a letra “e” por alguma razão. AmarElo. Amar-Elo. Elos, ligações, conexões, vínculos. Era exatamente isso que estava acontecendo ali, bem naquela sala de aula – as palavras deixaram de ter uma função meramente prática de comunicar informações e assumiram o papel de criar vínculos, permitir identificações, confissões, empatia e afeto. Para minha surpresa e alegria, os alunos disseram que também eram fãs das músicas e que se identificaram com a seleção. Mais uma vez o ocorrido me fez lembrar: somos professores e alunos, mas também somos todos seres humanos.

Conforme avançamos com os encontros semanais, passei a ter um olhar mais atento e cuidadoso para o que me cercava no dia a dia da escola e, como num passe de mágica, ele estava lá. Sempre esteve. Amarelo, por toda parte (Figura 5). Nas cadeiras, nas placas e, por incrível que pareça, na porta



Figura 5: Colagem digital utilizando registros fotográficos de elementos amarelos do cotidiano do colégio. Tamires Vanini. 2024. Fonte: Acervo pessoal.

da sala em que todo o plano de curso estava sendo aplicado. Amarela. Me destinaram a sala amarela. O que para muitos poderia soar como mera coincidência, para mim foi como um sinal. É sobre isso que a educação deveria ser feita e é por esse motivo que lecionamos. Somos seres cheios de emoções, de vivências, de cores favoritas e, isso me fez refletir sobre o fato de que, em sala de aula, a troca de experiências, de sonhos e até mesmo de inquietações deveria ter o mesmo espaço e grau de importância que os conteúdos que lecionamos, porque somos humanos ensinando para outros humanos.

Após um mês do fim da aplicação do plano de curso, ao retornarmos das férias do meio do ano, foi realizada uma dinâmica entre os alunos no primeiro dia de aula, para retomar os valores que sustentam a escola. Mas antes que isso acontecesse, o coordenador disse algumas palavras para iniciar o dia e acolher os alunos. Ao finalizar o seu discurso, ele disse: “Como diria o Emicida, tudo que nós tem é nós”. Nesse momento dei um sorriso sincero, pois percebi que realmente tudo tinha uma razão de ser: aquela escola, com os valores, os alunos e a forma como encaram a vivência coletiva no ambiente escolar. É sobre isso que se trata a educação: “Tudo que nós tem é nós” (Principia, 2019).

Por fim, essas vivências e o amarelo em toda parte me fizeram perceber que precisamos dessas conexões, com aquilo que somos, com as pessoas que nos cercam e com aquilo que nos afeta internamente. Além disso, todo aluno merece ter um lugar seguro para explorar a forma como enxerga e representa o mundo, para experimentar suas cores favoritas, descobrir seu fio condutor, interligar as palavras e tecer poesias, seja em um rascunho de papel ou até mesmo em um Livro de Artista.



*Livro de Artista:
a potência da materialidade*

livro
material
visual
espaço

Livro de Artista: a potência da materialidade

Historicamente, a palavra *livro* carrega consigo uma estética e uma definição específicas. Define-se livro, dentre alguns de seus significados, como “conjunto de folhas de papel, impressas ou manuscritas, coladas ou costuradas num dos lados, cobertas por uma capa” (Livro, 2015). Neste contexto, é possível deduzir que, ao ouvir a palavra livro, o imaginário de cada indivíduo buscará uma imagem de referência, condizente com suas vivências – uma obra clássica com capa dura, altas prateleiras de uma renomada biblioteca, apostilas didáticas, listas telefônicas, um livro infantil para contação de histórias ou então um aclamado *best-seller* que insistentemente ocupa lugar na cabeceira da cama. Em outras palavras, o termo “livro” tende a estar associado a uma imagem criada a partir das definições da literatura – conjunto de folhas, capa e palavras –, vinculando-se aos ideais de transmissão de informações, registro de fatos e construção de narrativas literárias (Figura 6). Segundo Silveira (2008, p. 28), “o livro traz consigo o gosto pela perpetuação da forma clássica,



Figura 6: Box de Livros - Coleção Machado de Assis.
Fonte: ANTOFÁGICA. Disponível em: <<https://www.antofagica.com.br/produto/box-machado/>>. Acesso em: out 2024.

de ser o mais nobre depositário do conhecimento, valores expressados através do zelo e do respeito pela superfície e pelo ato de folhear e seus tempos”. Desta forma, é possível dizer que, a partir das definições do senso comum, poderíamos facilmente distinguir o que é um livro do que não é, já que este possui uma lista específica de elementos que o caracterizam.

No entanto, o surgimento de uma nova tendência na arte contemporânea trouxe consigo a possibilidade de subverter essas predefinições ao adicionar o termo *artista* após a palavra *livro*. Segundo Nannini (2016, p. 3), “durante os anos 1970, dentro do universo do Concretismo, Neoconcretismo e desdobramentos, ocorre uma explosão de Livros de Artista, havendo uma radicalização de experimentações”. Ou seja, aquilo que antes era delimitado e facilmente detectável, agora ganha palco para se tornar algo novo, que pode ou não caminhar em conformidade com os padrões da tradição, pensamento este que está em consonância com a gênese da arte contemporânea, conhecida por romper as barreiras entre as linguagens. Neste momento, o livro, o qual era produto de uma criação literária, ganha espaço para se tornar um suporte para a criação artística, com a possibilidade de distanciamento da ideia de “conjunto de folhas, capa e palavras”:

Todo livro é um objeto, mas quando rompem as fronteiras atribuídas aos livros de leitura e se assumem como objetos de arte, passam a representar uma nova linguagem, entre o linear e o visual, entre a literatura e as artes, extrapolam o conceito livro, pois a “narrativa literária é substituída por uma narrativa plástica” (Doctors, 1994, p. 4 apud Nannini, 2016, p. 5).

Diante desta mudança, o livro começa a ser visto com outros olhos, com um viés artístico e poético (Figura 7), cuja estética passa a interessar mais do que o conteúdo literário, e essa virada de pensamento permite que o livro seja encarado como um objeto escultórico, passível de carregar intervenções:

E gosto de suas marcas de tempo: as páginas amareladas, manchas de uso, anotações nas margens, os nomes em esferográfica de seus donos. Tudo evidenciando que um livro é um objeto. Ele não é a obra literária. A obra literária é de escritores, pesquisadores, publicadores. O livro é de artistas, artesãos, editores (Silveira, 2008, p. 13).

Como citado anteriormente, o Livro de Artista surge em um período marcado pela experimentação. No entanto, é difícil definir o momento e o local exatos



Figura 7: *Como imprimir sombras*, Waltercio Caldas, 2012.
Fonte: CARBONO GALERIA. Disponível em: <<https://www.carbonogaleria.com.br/artistas/waltercio-caldas/como-imprimir-sombras-prod.html>>. Acesso em: out 2024.

de seu surgimento. A partir da linha cronológica descrita por Drucker (2012), é possível compreender a trajetória da existência dessa categoria:

Segundo Drucker (2012: 21), o Livro de Artista não surgiu de maneira linear, havendo pontos simultâneos de origem. Pode-se localizar seus primórdios nas vanguardas artísticas do início do século XX, quando artistas desses movimentos fizeram diversas experimentações entrelaçando palavra e imagem. No Brasil, as experiências dos poetas e artistas visuais no período Concreto (1950 a 1960), são apontadas como o início de uma preocupação com o verbal e sua relação com a estrutura visual, havendo o uso de signos gráficos na poesia. Em 1952 ocorre a formação do Grupo Noigandres, com Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos (São Paulo). Poetas se ligam a outras linguagens como as artes plásticas e a música. Das atividades desse grupo emergiu o movimento Poesia Concreta (Nannini, 2016, p. 3).

Por meio desses registros, nota-se que o surgimento da Poesia Concreta foi de suma importância para o início das experimentações no campo da produção de livros, em especial daqueles que tinham como foco a pesquisa experimental com a palavra. A vertente da Poesia Concreta permitiu que os mundos da poesia e da arte se cruzassem, de tal maneira que poetas e artistas realizavam parcerias em suas produções (Figura 8),

explorando, simultaneamente, as potencialidades da palavra e da imagem:

Poetas se conscientizaram da visualidade da escrita e da página, enquanto os artistas plásticos resgatavam a origem visual das palavras, utilizando elementos textuais nas obras: grafismos, letras de diversos alfabetos, fragmentos de textos, impressos, utilizando a escrita como um elemento gráfico/conceitual (Miranda, 2006, p. 10 apud Nannini, 2016, p. 3).

É também neste momento que surge uma preocupação por parte dos artistas em relação à espacialidade da palavra – o espaço que o texto ocupa em uma folha de papel. Desta forma, as produções realizadas durante o período da Poesia Concreta contavam com diagramações que buscassem sincronia entre o preencher e o não preencher, entre a palavra e o vazio, de tal maneira que mesmo o branco da folha do papel fazia parte da composição da obra. Portanto, os conceitos de pausa, respiro e silêncio estão presentes nas produções deste período (Nannini, 2016). A fase da Poesia Concreta, bem como as produções realizadas pelos artistas da época, foram responsáveis por consolidar uma base de experimentações que permitiu que, futuramente, os artistas pudessem radicalizar a forma do livro.

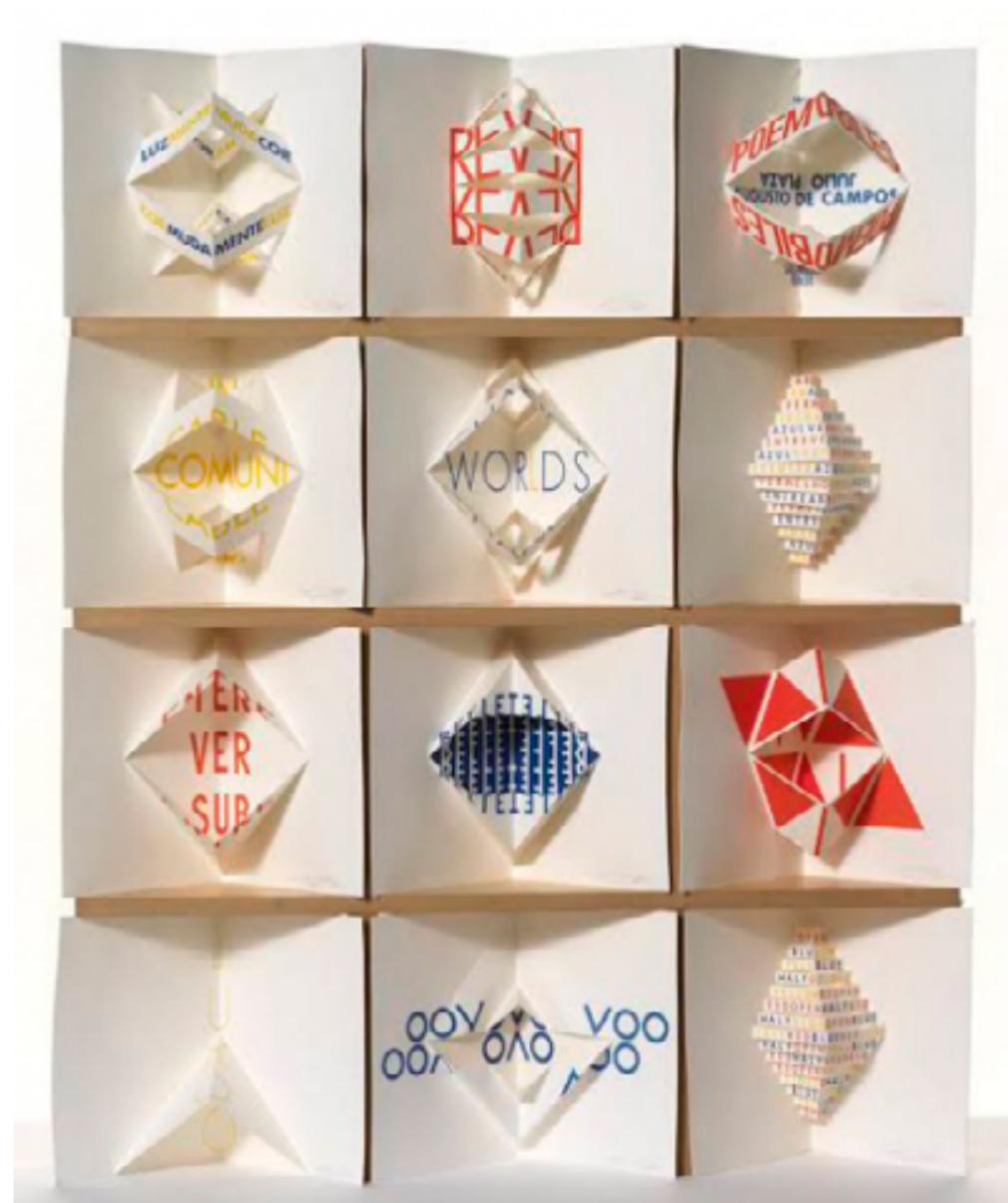


Figura 8: *Poemóviles*, Augusto dos Anjos e Julio Plaza, 1969-1974.
Fonte: FRANCESCO BUDANO JUNIOR. Disponível: <<https://www.budanoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=15114651#desc-compl>>. Acesso em: out. 2024.

Embora os Livros de Artista possam conter textos e imagens em sua composição, eles não possuem ligação ou semelhança com livros ilustrados, mesmo contendo os mesmos elementos visuais. Enquanto nos livros ilustrados (Figura 9) as imagens estão atreladas à escrita, possuindo a função de guiar a narrativa e complementar o texto, nos Livros de Artista (Figura 10), o vínculo e a dependência entre figura e palavra não são obrigatórios, uma vez que ambos estão inseridos num contexto de experimentação:

Grande número de artistas do livro exploram a iconicidade da letra, a visualidade do texto, além de outras relações nas quais palavras e imagens convivem sem que haja necessariamente uma relação hierárquica entre elas. Não ocorre uma relação de dependência entre texto e imagem (Veneroso, 2012, p. 83 apud Nannini, 2016, p. 4).

Assim como o processo de construção dos Livros de Artista se distancia da criação de obras literárias, a forma como ambas são lidas e interpretadas também é diferente. Enquanto uma produção literária, em sua grande maioria, exige uma leitura linear, que acompanha a narrativa construída por uma sequência de fatos e ações, os Livros de Artista permitem que a leitura



Figura 9: Livro Ilustrado 365 Histórias Para Dormir.
Fonte: LIVRARIA ENJOY. Disponível em: <<https://www.livrariaenjoy.com/365-historias-para-dormir-uma-historia-por-dia-livro-infantil-ilustrado>>. Acesso em: out. 2024.



Figura 10: *You Won't See Me at the Anchor Inn*, Susan Collard, 2010.
Fonte: SUSAN COLLARD. Disponível em: <https://susancollard.com/artwork/1610568_You_Won_t_See_Me_at_the_Anchor_Inn.html>. Acesso em: out. 2024

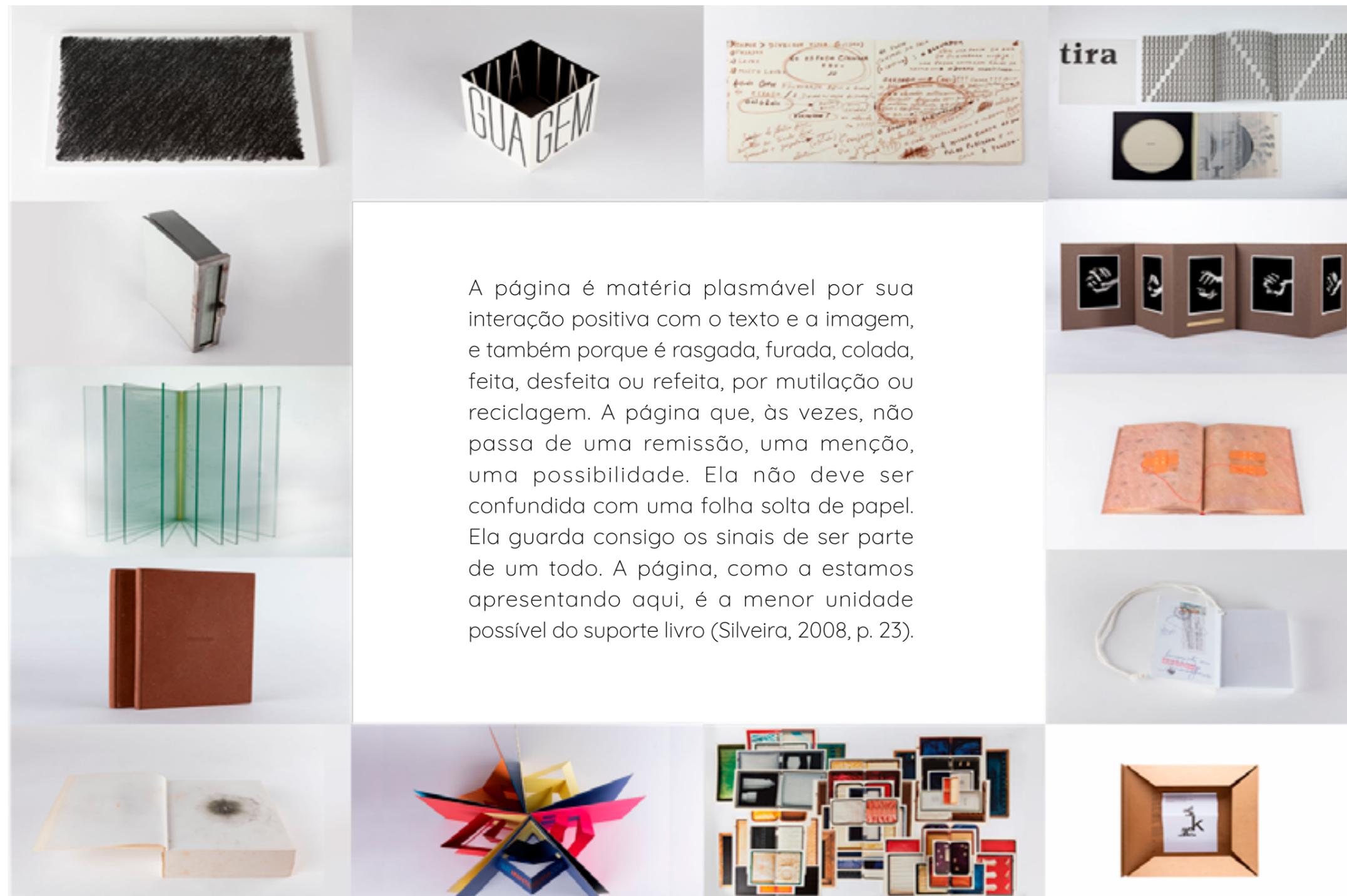
seja uma experiência para além da assimilação e concatenação de fatos:

Para ler um Livro de Artista é preciso usar todos os sentidos. Explorar de maneira diversa, com um olhar sem preconceitos, essa nova forma de expressão, diferente do livro apenas verbal. Olhar, folhear, rever, explorar. O fruidor tem papel primordial para esse tipo de obra, onde sua participação permite que a leitura se concretize. (Nannini, 2016, p. 14).

Sendo assim, é possível afirmar que o processo de experimentação dos Livros de Artista não ocorre somente no momento de sua criação, mas também no instante em que a obra entra em contato com o público, de tal maneira que um mesmo Livro pode ser lido de inúmeras formas e por caminhos completamente distintos. Por esse motivo, o processo de interpretação da obra ganha um toque a mais de subjetividade, muitas vezes explorando o campo sensorial.

Partindo do princípio de que a produção de um Livro de Artista inicia-se com a aproximação ou o distanciamento dos modelos tradicionalmente conhecidos de encadernação, é possível dizer que uma das primeiras estruturas a ser questionada neste processo é a página: qual a função dela? De quais maneiras pode-se folhear um livro? Para as páginas existirem, o

livro também precisa existir? A categoria do Livro de Artista permite que a materialidade seja explorada sem restrições, de tal maneira que o trabalho final pode apenas remeter, de uma forma sutil, à ideia de livro. Sendo assim, o processo criativo por trás da produção de um Livro de Artista pode permear entre a construção e a destruição (Figura 11):



A página é matéria plasmável por sua interação positiva com o texto e a imagem, e também porque é rasgada, furada, colada, feita, desfeita ou refeita, por mutilação ou reciclagem. A página que, às vezes, não passa de uma remissão, uma menção, uma possibilidade. Ela não deve ser confundida com uma folha solta de papel. Ela guarda consigo os sinais de ser parte de um todo. A página, como a estamos apresentando aqui, é a menor unidade possível do suporte livro (Silveira, 2008, p. 23).

Figura 11: Painel de imagens com diversos formatos de Livros de Artista.²

²A disposição das imagens nesse formato rompe com o padrão de inserção de figuras segundo a ABNT com o propósito de construir uma imagem geral, a partir da junção de diversas referências, que exemplifique visualmente as inúmeras possibilidades de criação no campo dos Livros de Artista. FONTE: todas as imagens pertencem à Coleção de Livros de Artista do ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <<https://livrosdeartista.itaucultural.org.br/nucleo-o-inicio-da-historia/>>. Acesso em: out. 2024.

Desta maneira, é possível observar que as obras que se encaixam na definição de Livro de Artista podem seguir dois caminhos distintos em relação a sua forma: manter os elementos tradicionais vinculados à imagem do livro (Figura 12), como capa, páginas e texto, preservando as tradições e evidenciando o apego a este formato, ou romper com a tradição (Figura 13), negando essa forma por meio de intervenções, substituições ou até mesmo pela ausência de um ou mais elementos que caracterizem a estética tradicional do livro (Silveira, 2008). Tendo em vista que este processo de construção ou de destruição carrega consigo uma simbologia, cabe ao artista decidir qual mensagem a obra irá transmitir e, para que isso seja possível, é necessário que sejam feitas escolhas, pois cada tipo de materialidade traduz uma intencionalidade diferente. A respeito desse assunto, a autora Fayga Ostrower afirma que:

A materialidade não é, portanto, um fato meramente físico mesmo quando sua matéria é. Permanecendo o modo de ser essencial de um fenômeno e, conseqüentemente, com isso delineando o campo de ação humana, para o homem as materialidades se colocam num plano simbólico visto que nas ordenações possíveis se inserem modos de comunicação. Por meio dessas ordenações o homem se comunica com os outros (Ostrower, 2010, p. 33).

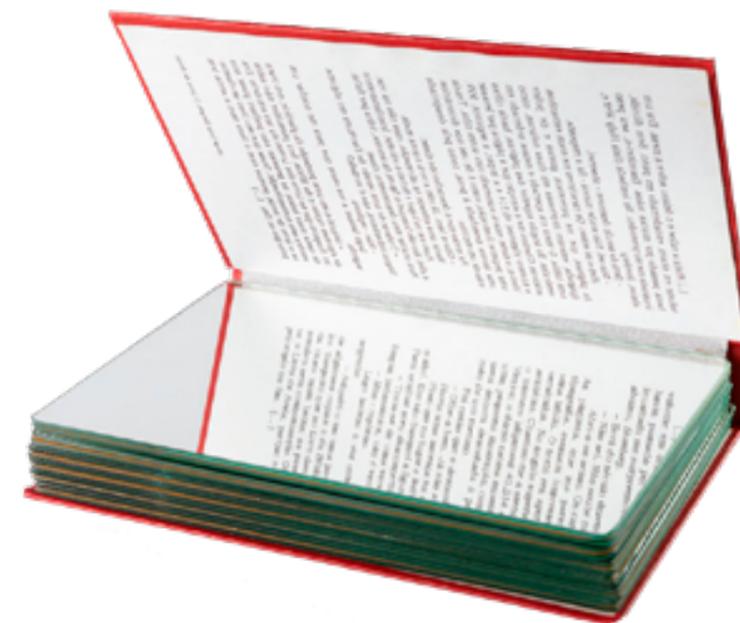


Figura 12: *Livro de Areia*, Marilá Dardot, 1999-2003.
Fonte: ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <https://livrosdeartista.itaucultural.org.br/palavra_em_suspensao/o-livro-de-areia/>. Acesso em: out. 2024.



Figura 13: *Caixa-verde*, Marcel Duchamp, 1936-1941.
Fonte: BLOG ARDOTEMPO. Disponível em: <<https://ardotempo.blogs.sapo.pt/56765.html>>. Acesso em: out. 2024.

Partindo da ideia de que o artista tem a possibilidade de escolher a materialidade do Livro a partir da mensagem que deseja transmitir ou do tipo de comunicação que pretende estabelecer, surge uma nova questão a respeito deste processo criativo: a partir de qual referencial essa escolha será feita? O artista parte de quais possibilidades?

É nesse momento que surgem as referências. Dentro de seu processo de criação, o artista pode partir do conhecido, daquilo que faz parte de seu repertório, de suas referências estéticas, de suas vivências e das características que o definem como artista e como pessoa. Para Fayga, o processo de criação se dá a partir da realidade na qual o indivíduo está inserido:

A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida. No indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois pólos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura (Ostrower, 2010, p. 5).

Desta forma, ao considerarmos a inserção da construção de Livros de Artista no contexto da sala de aula, os alunos possuem em mãos a possibilidade de se aproximar ou se afastar da estética tradicional de um livro, transitando pelas mais variadas escolhas de materialidade. Tais escolhas podem estar relacionadas a um estilo pessoal, uma mensagem que se pretende transmitir, uma cor favorita, entre outras potencialidades. Sendo assim, é notável que o processo de construção da materialidade muitas vezes parte de algo já conhecido e isso só é possível, pois os alunos não são tábulas rasas, eles possuem histórias, conhecimentos adquiridos, referências e repertório, que muitas vezes são carregados de afeto, tópico importante para o desenvolvimento desta pesquisa e que será detalhado posteriormente, à luz das teorias de Henri Wallon.

Assim como descrito neste capítulo, a criação de Livros de Artista pode explorar tanto a construção das palavras quanto as formas de representação da imagem. A fim de relacionar a escrita poética à criação criativa dos livros, esta pesquisa tem como foco as produções que possuem a presença do texto e da poesia, buscando compreender de que maneiras estes elementos podem ser condutores do processo criativo e assumir o protagonismo na

obra final. Dado que a escola na qual o plano de ensino foi desenvolvido segue a Pedagogia Freinet, torna-se imprescindível analisar a forma como este autor enxerga o texto e a escrita no processo de formação dos alunos.



*Texto Livre:
a escrita segundo Freinet*

texto
liberdade
coletivo
processos

Texto Livre: a escrita segundo Freinet

A pedagogia freinetiana é um segmento que possui como eixo principal a construção da autonomia dos alunos a partir da criação de espaços educacionais que permitam que cada indivíduo possa criar, se expressar e se desenvolver no seu tempo. Para esta linha de pensamento, o processo de desenvolvimento do indivíduo só ocorre se for libertador, de tal maneira que os estudantes estabeleçam as próprias metas, decidam os caminhos a serem trilhados e construam o próprio conhecimento. Por esse motivo, Celestin Freinet, criador da pedagogia freinetiana, “adjetivava algumas de suas técnicas com a palavra *livre*, como em *texto livre*, *livre expressão*, para marcar o caráter libertário de sua concepção e trazer a liberdade para a escola, para os professores e para os alunos” (Arena; Rezende, 2021, p. 12).

Dentre as inúmeras técnicas desenvolvidas por ele, esta pesquisa focaliza o Texto Livre (Figura 14), que contempla os processos de escrita, criação e socialização das crianças. Embora esta seja uma técnica

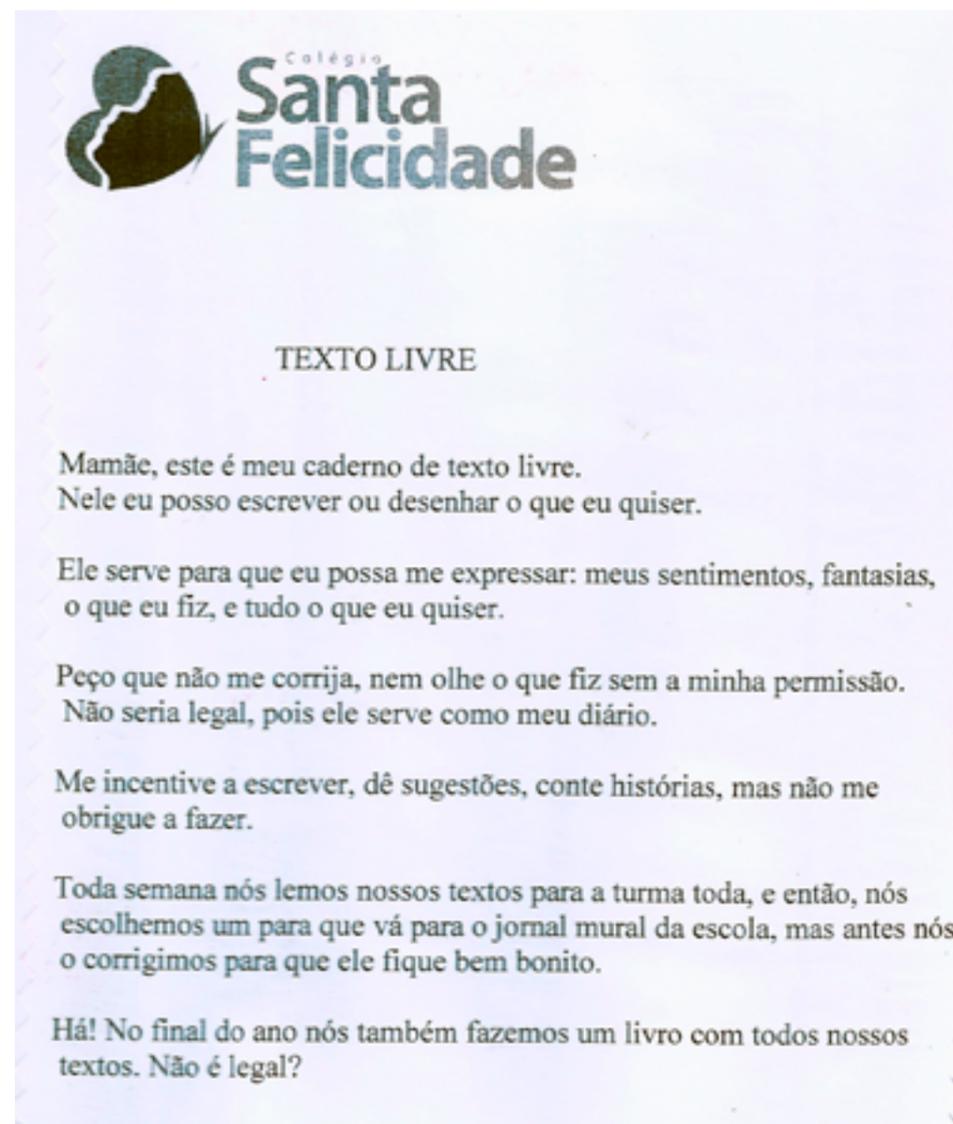


Figura 14: Registro da primeira página de um caderno de Texto Livre utilizado no Colégio Santa Felicidade em 2018. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

desenvolvida nos anos iniciais da aprendizagem, as habilidades adquiridas por meio dessa prática têm o poder de influenciar nas produções dos alunos durante a adolescência, faixa etária investigada nesta pesquisa, e na forma como estes irão encarar a realidade do mundo durante a vida adulta – de maneira mais poética, atenciosa e investigativa, permitindo-se fazer uso das palavras para transcrever aquilo que lhes preenche a alma e o coração. Segundo as definições de Freinet:

Um texto livre é, como sua designação indica, um texto que a criança escreve livremente, quando tem desejo de o fazer, em conformidade com o tema que a inspira. Não é aconselhável, por conseguinte, a imposição de um assunto nem se deve estabelecer um plano destinado ao que se tornaria então uma espécie de exercício de texto livre que, como é óbvio, constituiria apenas uma redação de tema livre (Freinet, 1975, p. 60 apud Boleiz Junior, 2023, p. 203).

A partir dessa definição, é possível observar que o Texto Livre é um instrumento pelo qual o aluno ganha espaço para se expressar da maneira como desejar, criando registros de temas escolhidos por ele. No entanto, esta prática só faz sentido se inserida em um contexto específico, que permita o desenvolvimento das etapas que sucedem a escrita, ou seja, um ambiente

escolar acolhedor e libertador que conceda espaço para que os alunos não só produzam os textos, mas também compartilhem suas produções:

Portanto, a prática do texto livre só se dá verdadeiramente quando a dinâmica do trabalho escolar oferece à criança a possibilidade de escrever livremente, apresentar suas produções aos colegas e difundir suas realizações a um público maior que o grupo-classe (Elias, 2002, p. 160).

Como observado, o processo de criação do Texto Livre é construído em etapas, sendo estas: escrita, socialização, reformulação/aprimoramento, tratamento visual e difusão (Elias, 2002). Desta forma, esta técnica compreende que a escrita é uma construção gradual e que o texto é algo que deve ser lapidado – lido, relido, alterado e reescrito. Seguindo as etapas citadas, o aluno começa sua trajetória escrevendo um texto inicial, quando e da forma que quiser, sem se preocupar com o destino ou a maneira como ele será apresentado – esta primeira escrita é responsável por suprir a necessidade da criança de se expressar. Após a primeira etapa, ocorre o momento da partilha, no qual os alunos socializam suas produções com os colegas de turma e este processo possui uma intencionalidade muito importante, visto que:

O momento da socialização do texto não se limita a um simples exercício de leitura oral para a classe. É um momento de prazer em que a criança procura surpreender, divertir, compartilhar emoções ou experiências com seus colegas. É o momento da troca interpessoal, onde as opiniões se constroem (Elias, 2002, p. 162).

Desta maneira, é por meio da troca entre os colegas que o aluno ganha repertório para poder interferir em seu texto, acrescentando detalhes, revendo trechos, apagando informações e adicionando novas. A socialização é a etapa que permite que este texto seja lapidado tal qual uma escultura, na qual a essência do trabalho já se faz presente desde o início, é preciso apenas retirar aquilo que não se faz necessário e modelar aquilo que permanece. O objetivo da reescrita é possibilitar ao aluno encontrar a melhor forma de registrar aquilo que está sentindo ou que deseja expressar. Após os ajustes e a reescrita do texto, o estudante prossegue para etapa do tratamento visual. É neste momento que a atenção do aluno concentra-se na tarefa de definir qual será a aparência dessa produção e de quais formas ela pode ocupar o espaço vazio da folha:

Uma vez concebida sua diagramação, poderá, então, ser retranscrito à mão, datilografado, digitado, impresso pelo computador,

ilustrado com desenhos, gravuras ou pinturas, duplicado no limógrafo, no mimeógrafo ou xerocopiado. O importante é que ele se apresente como uma bela página de vida (Elias, 2002, p. 163).

A última etapa que contempla o processo de criação do Texto Livre é a divulgação. Com suas produções finalizadas, os alunos podem decidir qual será o destino de seus textos, podendo escolher entre diferentes modalidades de comunicação presentes na Pedagogia Freinet, como livro da vida, painel de textos, jornal escolar e correspondência interescolar (Elias, 2002). O principal objetivo é que a produção dos alunos não se limite às paredes da sala de aula, mas que possa ser amplamente divulgada, criando conexões com comunidades externas, como amigos, familiares, vizinhos do colégio ou até mesmo alunos e professores de outras escolas Freinet no mundo.

Embora esta seja a técnica que visa trabalhar o desenvolvimento da produção textual, o cotidiano de uma escola Freinet apresenta o uso da escrita em muitas outras atividades realizadas pelos alunos, como redigir cartas, elaborar cartazes de divulgação, realizar entrevistas e registrar suas contribuições para a pauta das assembleias (Elias, 2002).

Na pedagogia freinetiana, a escrita é valorizada e incentivada diariamente.

Ao observar a produção do Texto Livre como um todo, é notável o reconhecimento de que o processo da escrita não se limita ao campo da alfabetização e da compreensão gramatical, mas contempla múltiplas esferas do desenvolvimento da criança, incluindo a compreensão, valorização e expressão das emoções. Tendo em vista que os professores que seguem esta abordagem pedagógica buscam transformar a sala de aula em um ambiente acolhedor, este espaço torna-se um lugar seguro para a escrita ser utilizada como porta-voz do que há de mais íntimo no coração dos alunos, ou seja, “na classe cooperativa, as crianças expressam oralmente e por escrito suas alegrias, suas tristezas, seus medos, suas fantasias, suas descobertas porque sua palavra é acolhida, ouvida, respeitada, compreendida e valorizada” (Elias, 2002, p. 161).

Sendo assim, observa-se que a prática do Texto Livre na fase do desenvolvimento infantil, para além do processo de alfabetização, é responsável por desenvolver uma série de habilidades socioemocionais. Esta técnica, ao contar com uma sequência de ações que sucedem a

escrita, permite que os alunos tenham espaço para a socialização, a troca de conhecimentos, o agregar de experiências e tenham consciência dos processos necessários para a construção de um projeto a longo prazo. Ao atingirem a etapa do Ensino Médio, é notável que os alunos que tiveram contato com a prática do Texto Livre têm mais facilidade na produção textual como um todo, bem como na elaboração de projetos mais criativos que exigem o investimento de tempo e dedicação. Além disso, é possível observar que a grande maioria destes alunos passa a ter uma preocupação maior com a estética e o acabamento dos trabalhos, se importando em como essa produção final vai refletir o conceito norteador do projeto. Portanto, a prática do Texto Livre permite que, a longo prazo, os alunos não tenham medo de se expressar e compartilhar com o mundo aquilo que sentem. Graças aos ideais perpetuados pela Pedagogia Freinet, as escolas que seguem essa vertente tornam-se um espaço acolhedor para os alunos serem quem são, onde todos os dias os funcionários e professores lutam para que os estudantes possam se apaixonar pelos processos e para que cada atividade realizada ali seja conduzida pelo afeto.



0 afeto na educação

humano
afetivo
educação
emoção

O afeto na educação

Esta pesquisa tem como uma de suas intencionalidades estudar como a presença do afeto na educação influencia no relacionamento entre educador e educando e no processo criativo dos alunos. Para tratar desta temática, será feita uma análise a respeito dos caminhos da aprendizagem a partir das contribuições de Henri Wallon, autor que defende que o ambiente e a afetividade, a qual é entendida como a capacidade do indivíduo de ser afetado pelos elementos do mundo, de maneira positiva ou negativa (Mahoney; De Almeida, 2005), influenciam no desenvolvimento humano:

Nota-se na teoria walloniana que alguns conceitos estão intercalados e em constante movimento. Os conceitos fisiológicos e afetivos como referencial para a construção da individualidade, e a linguagem e a representação como aquisição gradual do conhecimento. Para Wallon (1978), as emoções são manifestações subjetivas, mas alicerçadas pelo organismo. O autor estabelece um vínculo indissociável entre sujeito, corpo e ambiente. Portanto, a afetividade se desenvolve dentro de um processo de amadurecimento orgânico, social e cultural (Silva, 2017, p. 2).

Como observado, Wallon entende que o afeto relaciona-se à capacidade de um indivíduo ser afetado por fatores externos, gerando reações tanto fisiológicas quanto emocionais. Embora este seja um termo utilizado cotidianamente para se referir às emoções, o afeto, neste contexto, não se associa a um sinônimo de amor, carinho ou zelo, mas sim à capacidade do indivíduo de reagir perante aquilo que o cerca. Em seus escritos, Wallon enfatiza a importância dessa temática, uma vez que o ser humano é um ser social, que vive coletivamente, e, dessa forma, torna-se inevitável que o existir dos indivíduos não se conectem e se influenciem. Portanto, entende-se que para compreender a teoria walloniana é necessário considerar a existência do “outro”, pois a forma como o outro age perante a nossa presença, afeta quem somos.

Partindo do princípio de que a base dessa teoria se relaciona com a conexão entre indivíduos, é imprescindível que o contexto escolar seja discutido e pensado sob a ótica da afetividade, uma vez que a escola é um ambiente onde se encontram múltiplas vivências. Ao defender a presença do afeto na educação, Wallon reforça a ideia de que o processo de ensino e aprendizagem deve ser permeado pelas conexões humanas, pelo vínculo

entre as existências (Mahoney; De Almeida, 2005). Ao considerarmos o afeto como um fio condutor da educação, este processo torna-se mais humano.

A teoria walloniana defende que tanto a figura do aluno quanto a do professor são seres completos, que possuem vivências, e uma vez que estes se conectam através da educação, a qualidade dessa interação é de extrema relevância:

O processo ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade a relação interpessoal professor-aluno é um fator determinante. Esses atores são concretos, históricos, trazendo a bagagem que o meio lhes ofereceu até então; estão em desenvolvimento, processo que é aberto e permanente (Mahoney; De Almeida, 2005, p. 12).

Dessa maneira, entende-se que tanto o aluno quanto o professor possuem suas trajetórias – gostos, sonhos, medos, memórias e vivências. Ambos os atores – educador e educando – vivem em sociedade, de forma coletiva, tanto dentro quanto fora da sala de aula, de tal maneira que suas existências se entrelaçam com outras, fazendo com que estes indivíduos sejam afetados pelo mundo. Partindo do princípio de que o afeto resulta em

uma reação, pode-se dizer que ao serem afetados, tanto o aluno quanto o educador respondem a esse afeto de inúmeras maneiras, ou seja, se um corpo sofre uma provocação, este corpo gera uma resposta, sendo ela positiva ou negativa. Dessa forma, é possível conectar o repertório destes indivíduos com o afeto, uma vez que uma pessoa pode ser afetada por um gesto, uma música, uma cor, uma imagem, entre outras possibilidades, assim como pelas próprias relações dentro da escola.

Considerando especificamente a aula de arte, a qual faz parte do contexto dessa pesquisa, pode-se observar o poder do afeto em uma outra esfera, pois uma obra, que pode ser criada com diferentes intencionalidades – como confortar ou provocar –, atravessa o existir dos alunos e dos professores, os afetando das mais variadas formas. Por exemplo, ao mostrar uma imagem de uma escultura, ou mesmo uma produção audiovisual, o professor permite que os alunos ali presentes sejam afetados por essa obra, de tal maneira que cada um, a partir de suas características pessoais, terá uma reação diferente – rir, chorar, sentir incômodo, aflição ou medo, entre outras reações possíveis. Além disso, ao entrar em contato previamente com esta obra para apresentar para sua turma, o professor também foi afetado por ela

e, por determinada razão, decidiu que deveria compartilhá-la com o grupo. Ao reunirmos as existências do aluno e do professor em uma sala de aula, elas se afetam mutuamente e o compartilhamento destes repertórios e dos elementos que geram afeto nestes indivíduos pode criar conexões, abrindo caminhos e possibilidades no processo de construção do conhecimento.

Neste contexto, é possível dizer que, ao assumir que estas duas figuras possuem suas próprias trajetórias, cabe a cada uma delas aprender a conviver com as complexidades de coexistir com suas características pessoais e as características do outro. Dentro desse conjunto de características pode-se incluir opiniões, medos e aversões. Ao assumir que o relacionamento aluno-professor se dá de maneira cotidiana, se faz necessário compreender que as emoções e sentimentos, tanto de um quanto de outro, se fazem presentes em todas as situações do dia a dia, com a possibilidade de variações de intensidade, não sendo diferente no contexto da sala de aula (Mahoney; De Almeida, 2005). Sendo assim, torna-se um desafio aprender a administrar estas sensações e cabe a estes indivíduos a tarefa de canalizá-las para os lugares corretos. Caso essas situações não sejam bem administradas, é possível que gerem consequências negativas para ambos os lados:

Nesse meio, professor e aluno são afetados um pelo outro, e, ambos pelo contexto onde estão inseridos. A não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras prejudica a ambos, e isso afeta diretamente o processo ensino-aprendizagem: no aluno, pode gerar dificuldades de aprendizagem; no professor, gera insatisfação, descompromisso, apatia, podendo chegar ao burnout, prejudicando sua atividade (Mahoney; De Almeida, 2005, p. 13).

Desta forma, nota-se que é necessário que as emoções e sentimentos, assim como aquilo que afeta os alunos e professores, tenham um espaço considerável no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, é importante que, sempre que possível, existam discussões e produções de caráter subjetivo que tratem destas temáticas, uma vez que sua ausência pode gerar lacunas difíceis de serem preenchidas a longo prazo.

O protagonismo da subjetividade pode surgir de diferentes maneiras: no trato entre alunos e professores, nas temáticas das aulas, nos exemplos citados, nas propostas de trabalho, entre outras opções. O objetivo principal desta discussão é compreender que as figuras de educador e educando não precisam e não devem ser conflitantes, uma vez que estes não são inimigos,

mas sim seres completos que carregam consigo a possibilidade de crescerem juntos, criando conexões através daquilo que os afeta enquanto indivíduos.

Com o intuito de compreender de que maneira os seres se conectam com as relações interpessoais, o meio em que vivem e suas emoções, Wallon estabelece três grandes conjuntos funcionais: conjunto ato motor, conjunto cognitivo e conjunto afetivo. Tendo em vista a faixa etária dos alunos que fizeram parte do plano de curso, esta pesquisa tem como foco a última categoria citada.

7.1. O conjunto afetivo e a adolescência

A teoria walloniana compreende que o desenvolvimento humano é dividido em estágios, com características específicas, de tal maneira que cada estágio é visto como completo em si mesmo, contendo todos os componentes responsáveis por constituir uma pessoa (Mahoney; De Almeida, 2005). Tais etapas são divididas nas seguintes categorias: impulso-emocional (0 a 1 ano); sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos); personalismo (3 a 6 anos), categorial (6 a 11 anos); e puberdade e adolescência (11 anos em

diante). Tendo em vista que os alunos integrantes da aplicação prática possuem idades entre 15 e 17 anos, esta pesquisa conta apenas com explicações a respeito do quinto estágio: puberdade e adolescência. Como citado anteriormente, Wallon categoriza três conjuntos funcionais e afirma que o conjunto afetivo é o que se apresenta no estágio da puberdade e da adolescência. O conjunto afetivo é responsável por ofertar as funções necessárias para a existência das emoções, da paixão e dos sentimentos (Mahoney; De Almeida, 2005). Este conjunto em questão, o qual relaciona-se com o campo da subjetividade e das sensações internas, está diretamente ligado ao âmbito corporal e as externalizações físicas:

No caso específico do conjunto afetividade, ele tem sua origem nas sensibilidades internas de intercepção (ligadas às vísceras) e de propriocepção (ligadas aos músculos), que são responsáveis pela atividade generalizada do organismo. Essas sensibilidades, junto com as respostas dos outros do seu entorno – sensibilidade de exterocepção (ligada ao exterior) -, vão provocando sentimentos e emoções cada vez mais específicos: medo, alegria, raiva, posteriormente ciúmes, tristeza, etc. (Mahoney; De Almeida, 2005, p. 18).

Desta forma, é possível dizer que o conjunto afetivo corresponde à representação do trajeto das emoções e sentimentos, partindo do campo psíquico e da interpretação dos pensamentos e resultando em emoções, através de manifestações físicas do corpo. Para explicar como cada estágio permite que o indivíduo conheça a si mesmo ou o mundo ao seu redor, a teoria walloniana define duas possibilidades de movimentação do ser humano, de tal maneira que a movimentação em relação ao interior refere-se diretamente ao campo da afetividade:

Em cada estágio de desenvolvimento há uma alternância de movimentos ou direções. No impulso-emocional, personalismo, puberdade e adolescência o movimento é para dentro, para o conhecimento de si. [...] Aproximando esses dois princípios: alternância funcional e predominância funcional podemos afirmar que, quando a direção é para si mesmo (centrípeta), o predomínio é do afetivo (Mahoney; De Almeida, 2005, p. 19).

Sendo assim, compreende-se que o estágio da puberdade e da adolescência refere-se à etapa do desenvolvimento humano na qual o indivíduo mergulha em si mesmo, buscando entender quem ele é no mundo: quais são suas paixões, seus medos, inseguranças e limitações.

Por se tratar de um período de dúvidas e descobertas, o estágio da puberdade e da adolescência foi o escolhido para contemplar esta pesquisa, visto que o objetivo do plano de curso era promover uma experiência imersiva na qual os alunos pudessem entrar em contato com suas memórias e com as características que os fazem ser quem são.

Ao considerarmos os processos de criação poética e artística na faixa etária citada, pode-se observar que, elementos como a exploração da própria identidade e a procura do reconhecimento de si surgem nas temáticas escolhidas. Seguindo as teorias de Wallon, observa-se que tratar do tema identidade nas aulas de arte de turmas de Ensino Médio é de extrema relevância, uma vez que a potencialidade do processo criativo e das materialidades podem criar um espaço propício e seguro para os educandos mergulharem em seus universos particulares e externalizarem artisticamente como se enxergam no mundo. Analisando estas produções, é possível encontrar a essência das almas dos alunos.



*Relicários das Almas:
onde habitam as poesias*

alma
identidade
referência
autorria

Relicários das Almas: onde habitam as poesias

Como citado anteriormente, esta pesquisa contou com a aplicação de um plano de curso, o qual teve como objetivo explorar de maneira prática os conceitos apresentados.

Através de atividades de escrita criativa e experimentação de materialidades, os alunos criaram produções autorais – Livros de Artista que exploram a potência das palavras e investigam seus interesses, paixões, repertórios pessoais e visões de mundo. As produções aqui apresentadas refletem as etapas de investigação do processo criativo de cada aluno.

8.1. Lágrimas da Mariá

A aluna Mariá, que estuda desde muito pequena no Colégio Santa Felicidade, possui um olhar atento, minucioso e artístico, sempre encontrando poesia nas pequenas coisas (Figura 15). Mariá é do tipo de pessoa que

Beleza do Cotidiano

- Concluir objetivo trabalhoso → Comer o bolo de banana com a minha vó
- Beber a limonada gelada do meu pai chegando em casa
- O Luigi ditado no meu colo → Cantar no carro com a minha mãe
- Terminar/começar a aprender formas → Conseguir fazer flexão de peito fechada
- Tomar água → Ouvir uma música que acabei de por na playlist
- Conseguir passar todos o cones fazendo manobra com patins
- Deitar para dormir → Beijar sem sentido muito sexual - carinho
- Tomar café da manhã sem pressa → Esmaite terminar de secar para poder encostar na unha → Usar brinco → Sentar no ônibus

Figura 15: Registro da lista de pequenas alegrias da aluna Mariá. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

se emociona com comerciais bem roteirizados, cartas feitas à mão e conversas de domingo na varanda – ela vê beleza no simples existir. Desde o início dos encontros, percebi que ela tinha um espírito artístico que exala de todas as formas possíveis, sempre procurando um jeito de colorir a vida, de externalizar as palavras, de escancarar as poesias e de decifrar o mundo. Sempre com uma caneta na mão, rabiscando um pedaço de papel, desenhando, fazendo planos e criando projetos (Figura 16).

Pode-se dizer que este olhar investigativo e criativo da aluna existe graças ao histórico que a precede. Mariá é aluna do Colégio desde a Educação Infantil e possui um íntimo contato com a produção do Texto Livre (Figura 17). Além disso, ela tem uma prática assídua de produzir desenhos e principalmente *letterings*³, tanto que este tornou-se sua marca registrada.

Por ter alcançado a Autonomia de Comunidade, a última etapa das autonomias, a aluna tende a produzir trabalhos bem elaborados e complexos, conectando várias áreas do conhecimento e, sempre que possível, estabelecendo relações com as linguagens pelas quais gosta de se expressar.

³Prática que envolve criar letras de tamanhos, cores e estilos diferentes, assemelhando-se a ilustrações e símbolos.



Figura 16: Registro da apresentação criativa elaborada pela aluna Mariá. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.



Figura 17: Registro de um dos cadernos de Texto Livre da aluna Mariá. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

A participação da Mariá nos encontros foi regada por experimentações da palavra (Figura 18), textos poéticos e comoventes e ideias surpreendentemente inovadoras. Em todas as suas escolhas, desde os temas selecionados até a frase favorita que ela decidiu compartilhar com o grupo (Figura 19), sempre há uma sensibilidade, um olhar poético sobre os elementos cotidianos. Inicialmente, quando chegamos na etapa da escolha do tema da produção final, a aluna havia escolhido criar um Livro de Artista sobre as dores de ser uma mulher no mundo. No entanto, no meio do processo, ela sentiu que precisava falar sobre outra coisa, algo que seu coração estava necessitando externalizar: saudade.

O grande disparador para a criação deste projeto final foi a carta que Mariá escreveu para sua avó, Maria, durante uma das atividades (Figura 20). A partir do conteúdo desta carta, a aluna decidiu criar um livro que traduzisse visualmente todas as suas lembranças em relação a sua avó e tudo que essa memória a fazia sentir.

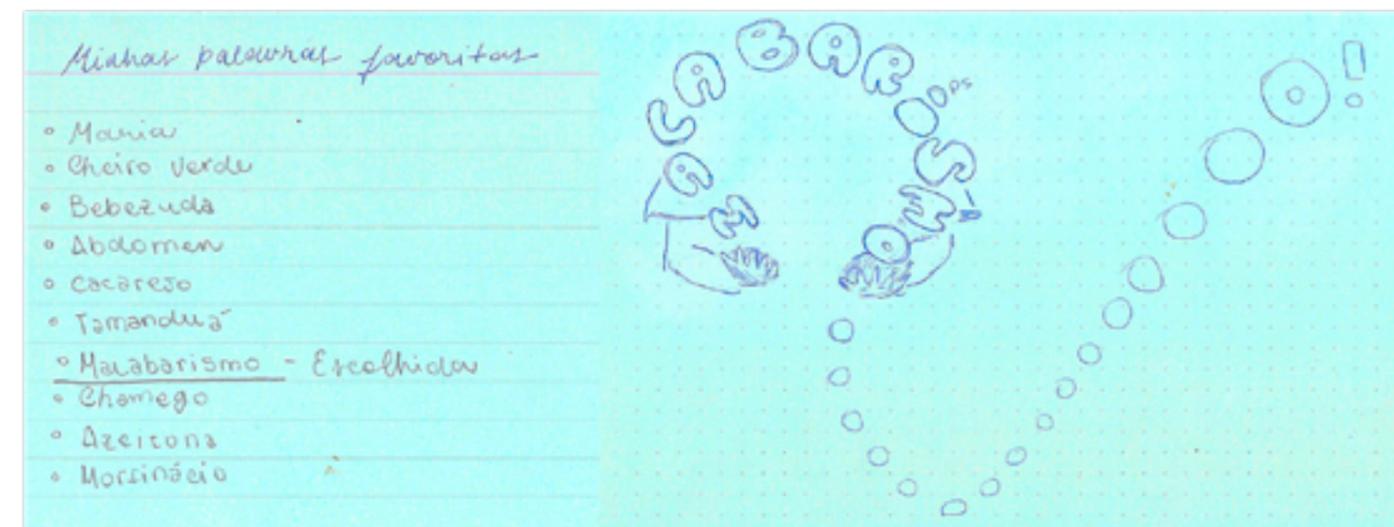


Figura 18: Registro da lista de palavras favoritas da aluna Mariá. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

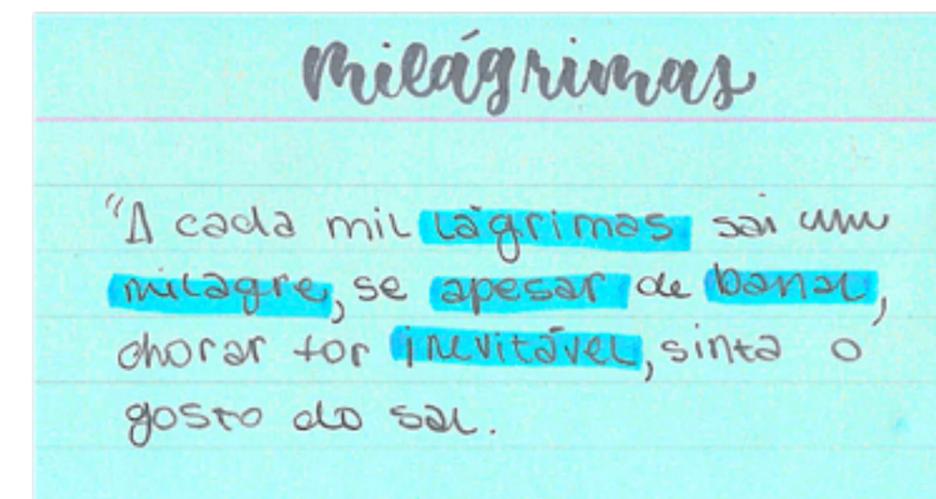


Figura 19: Registro do trecho da música *Milágrimas*, transcrito pela aluna Mariá. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

Maria,

seu nome é um das muitas palavras falantes, meu pai já me contou que quase na torneira sua chaga. Mas os nomes carregam bagagem, usam consigo um pouco de alma, não é isso que cada vez mais os Etno's sejam questionáveis, no mínimo, é acumulativo, tudo aquilo que você é foi sendo um dia e continuará assim na história do seu nome. Seria muita honra te carregar consigo para além do que sinto, te carregar um um todo, me representar como você.

Mesmo com tudo isso, ainda me vejo parte de ti, meu nome de batista que amo tanto quanto sempre amei a batista frida que você me fez, meu cabelo crespo, que embora tenha vindo de você, eu nunca te vi assim - lo, nunca ative a máquina, que mesmo assim hoje consegue ser maior que o meu, diferente da grandeta da avó, que você tem de forma mais estranho, dinâmico e amplo, e eu sou a honra de fazer parte de tudo isso que somos.

Eu aprendi a palavra mesura há pouco tempo, um vídeo trágico que vi, você nunca tem um vídeo daquele porquê, mas ainda assim foi quem possibilitou que hoje eu possa ver. Não sei nem se você precisa ter isso um como esse, mas a palavra mesura, que define coisas pequenas, enquanto você tem sua intangibilidade no lado oposto, uma distância quase que angelical, que se dá em tudo aquilo que não é superficial (isso ignorando a tua noção das seis de cada dia).

Eu te amo enquanto mulher, enquanto mãe, enquanto filha, enquanto tia, enquanto filha e enquanto minha avó. Maria, te amo como batizadora, te amo como esposa, te amo como avó, te amo como velhinha, te amo como inspiração, te amo como tudo. Maria, te amo como amo a força do mulher que gesta, que ama, que cuida, que sofre, que sonha, que vive e que é tanto. Maria para mim é Deus, que carrega o poder de amar, de dar a outra face, de ser mulher. Maria, te amo sobre tudo como Creusa, mas também te amo como Fernandinha, Luíza, Benito, Bonifácio, e por último mas não menos amado, amo a Maria eu, Maria, que tem tanto de outras Marias.

Pai nosso que está no céu e em toda parte, ouço do vosso mundo que está no meu coração e em toda parte.

É Maria, cuida de mim e se cuida, o plano Deus não será desfeito, mas que não teia sem dor e com você abençoando o quanto eu te amo e perdoo.

Você é a pessoa que eu mais amo no mundo, minha vovó, que fogou bola comigo, me deu suco de laranja com açúcar na mamadeira, foi comigo me instruiu fortemente o tirar a camiseta suada, que fez traço no meu cabelo e que me permitiu me sentir de uma forma que você provavelmente nunca se deu. Quero dar orgulho, prometo nunca depender de homem, prometo não querer nunca como fazer do ginástica, mesmo você acreditando tanto nisso, e prometo me ter comigo pra sempre, de corpo e de alma, que Maria.

Figura 20: Registro da carta redigida pela aluna Mariá. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

Durante a fase de planejamento do livro, Mariá uniu o conteúdo da carta às diferentes materialidades que gostaria de trabalhar e que representassem o conceito norteador do seu trabalho (Figura 21). As experimentações da aluna, que decidiu seguir um caminho que rompesse com a ideia tradicional do livro, resultaram na obra *Saudade* (Figura 22), um Livro de Artista escultórico, que representa uma mesa posta.



Figura 21: Registro do painel semântico desenvolvido pela aluna Mariá. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.



Figura 22: *Saudade*. Mariá. Livro de Artista. 30x30x10 cm. 2024.

A aluna pensou nos mínimos detalhes, como transcrever o texto da carta num guardanapo de papel (Figura 23), para que estivesse conectado aos demais elementos da obra. Através da junção de um prato, um copo americano, talheres e frases escritas com arroz e bordadas na toalha, Mariá criou uma composição harmônica carregada de elementos afetivos, capazes de despertar memórias em comum naqueles que observam a produção.

O trabalho final da aluna é um ótimo exemplo do fato de que todos somos seres com vivências e referências e nunca partimos do vazio. Durante os encontros, apresentei aos alunos o trabalho da artista Marcela Monteiro, que desenvolve suas produções ressignificando as páginas das revistas de cruzadinhas (Figura 24). Mariá apaixonou-se tanto pelas produções da artista, que decidiu inspirar-se no processo criativo dela para criar um copo recheado de cruzadinhas poéticas (Figura 25). Além disso, conforme a aluna avançava nas etapas da produção, apresentei a ela a obra *Arroz e Feijão* (1979), da Anna Maria Maiolino (Figura 26), com o objetivo de mostrar como o livro dela se aproximava esteticamente da obra de uma artista consagrada. Ao final do plano de curso, Mariá construiu um livro-objeto que carrega consigo o peso da saudade e a beleza da memória.

Maria, eu te amo enquanto mulher, enquanto mãe, enquanto tia,
 enquanto filha e enquanto
 minha avó.
 Maria, te amo como barachadora, te amo como esposa, te amo
 como jovem, te amo como velhinha, te amo como inspiração,
 te amo como todo.
 Maria, te amo como a força da mulher que gesta,
 que ama, que cuida, que sofre, que sonha, que vive e que
 é.
 Maria para mim é deus, que carrega o poder de amar,
 de dar a outra face,
 de ser
 mulher.
 Maria, te amo sobre tudo. Creuze, mas também como Sabrina,
 Regina, Fernanda, Roseana, Luiza, Bonita, Conceição. E
 Maria eu,
 Maria,
 que tem tanto de outras Marias.
 Saudade, eu te amo.

Figura 23: Registro da carta transcrita sobre o guardanapo. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

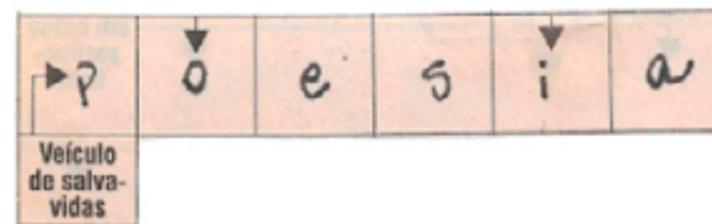


Figura 24: Cruzadinha feita pela artista Marcela Monteiro, 2024. Fonte: MARCELA MONTEIRO. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4epFr-t41r/?img_index=1>. Acesso em: out. 2024.

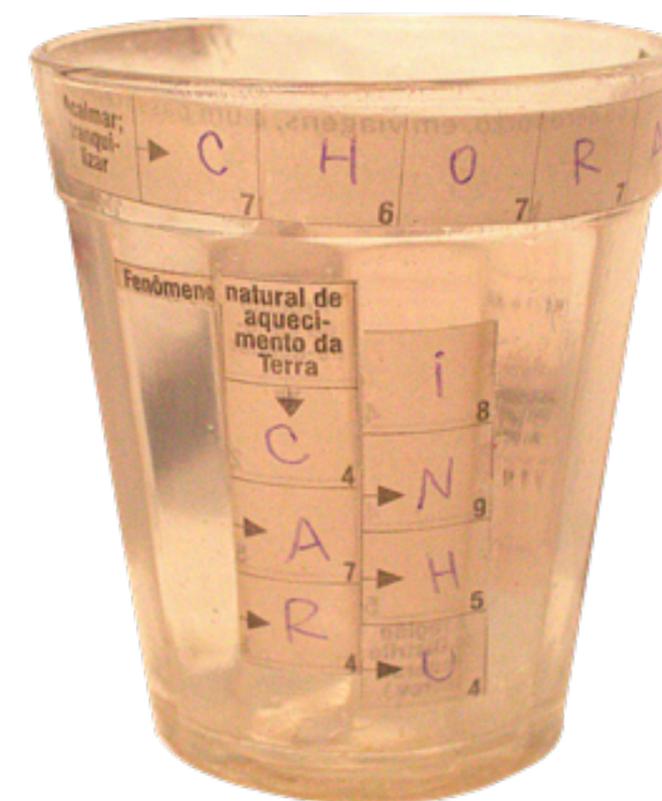


Figura 25: Registro do copo com cruzadinhas criado pela aluna Mariá. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.



Figura 26: *Arroz e Feijão*, Anna Maria Maiolino, 1979.
Fonte: DIGA O QUE COMES. Disponível em: <<https://www.comes.com.br/post/comida-para-al%C3%A9m-da-po%C3%A9tica-a-fome-no-brasil-hoje-e-sempre>>.
Acesso em: out. 2024.

8.2. Fases do Malta

Não há nada que o Malta não saiba fazer. Essa é uma frase comum de se ouvir pelos corredores do Santa Felicidade. O aluno Malta, que frequenta o Colégio desde o 6º ano, é conhecido pelos colegas por uma lista infinita de hobbies e habilidades. Por ter conquistado a Autonomia de Trabalho, o aluno tem a possibilidade de criar o seu cronograma escolar da maneira como desejar, podendo explorar os espaços e recursos da escola como quiser. Desde o dia em que o conheci, percebi que ele tem um grande apreço por aprender coisas novas, explorar diferentes áreas do conhecimento, descobrir como as coisas funcionam e ajudar os outros sempre que pode. Além de ser apaixonado pela música e fazer uso dos instrumentos disponibilizados pelo Colégio, uma das grandes alegrias do Malta é explorar as máquinas do Santa Felicidade. No mesmo período em que o plano de curso estava sendo desenvolvido, o aluno aprendeu a programar e mexer na impressora 3D, localizada na biblioteca, criando projetos pessoais e, posteriormente, auxiliando outros alunos para que esses também pudessem fazer uso desse recurso. Tudo isso resume quem o Malta é como aluno e como pessoa – alguém que se desafia constantemente, que tem coragem para ser gentil, ajudar os outros e sempre explorar novos mares.

A participação do aluno durante os encontros foi movida a piadas internas, muita criatividade, contribuições enriquecedoras e, principalmente, fazeres intuitivos. Desde sua excepcional escolha de palavras favoritas até sua exploração de como as letras podem ocupar o papel (Figura 27), mais uma vez Malta provou ser um aluno muito habilidoso, que possui um olhar inventivo não somente em relação à escrita, mas também sobre os elementos que o cercam. Ao desenvolver sua lista de pequenas alegrias (Figura 28), o aluno elencou diversas atividades que envolvem seu cotidiano e que, em sua maioria, estão conectadas a estar entre os amigos e pessoas que ama, demonstrando que, para ele, essa é a beleza da vida – existir no coletivo.

Em relação à construção do seu projeto final, Malta trouxe desde o início elementos relacionados aos seus gostos e àquilo que o define como pessoa. Personagens, super-heróis, referências históricas e piadas internas. Mais uma vez, o aluno provou um dos pontos presentes nesta pesquisa – somos feitos de referências. Para a construção da estética do seu trabalho, Malta decidiu reafirmar essa ideia e reunir elementos dos mais variados tipos, todos conectados a seu universo (Figura 29).

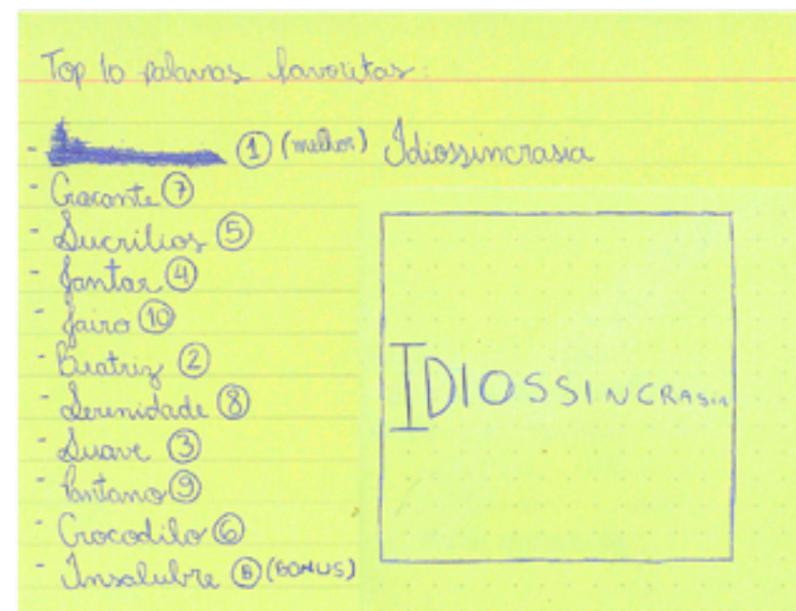


Figura 27: Registro da lista de palavras favoritas do aluno Malta. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

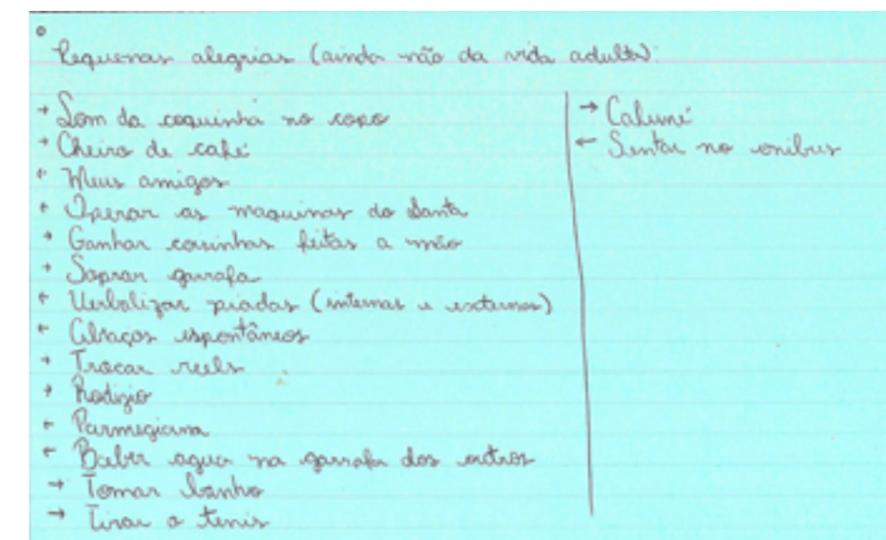


Figura 28: Registro da lista de pequenas alegrias da vida do aluno Malta. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.



Embora a produção final tenha sofrido algumas alterações no processo, o plano de trazer este repertório manteve-se intacto. Malta finalizou os encontros construindo um livro escultórico recheado de referências e piadas criativas e inteligentes, criadas durante as aulas. A produção final do aluno resume todas as suas características citadas anteriormente, visto que ele explorou os conhecimentos que tinha, aplicando diferentes técnicas e reunindo uma grande diversidade de materialidades. Em sua obra *Inútil* (Figura 30), o aluno traz como discussão central a ideia de como o conhecimento pode tanto abrir caminhos quanto destruí-los, ao mesmo tempo que cria uma brincadeira trazendo elementos do cotidiano que podem ser considerados inúteis, mas que se revelam extremamente profundos e poéticos.

Contendo um texto autoral inspirado no tema do conhecimento, referências e piadas relacionadas aos encontros das aulas, uma chave e uma granada desenvolvidas pelo aluno utilizando a impressora 3D e uma página dedicada a anotações do cotidiano em *post-its*, o livro do Malta se constrói como um relicário da sua existência, reunindo elementos das suas vivências pessoais. Ao explorar diferentes materiais,

Figura 29: Registro do racunho do livro final desenvolvido pelo aluno Malta. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.



Figura 30: Inútil. Malta. Livro de Artista. 15x21 cm. 2024.

como tecido, papel paraná, tintas metálicas e uma seleção diversificada de tipos de papel, Malta traduz esteticamente as suas diferentes fases.

A principal fonte de inspiração para construção deste livro foi a estética das bíblias góticas alemãs, em especial a Bíblia de Gutenberg (Figura 31), a qual possui uma composição robusta e extremamente detalhada. Além disso, ao desconstruir a ideia tradicional do livro abrindo um buraco no centro das páginas, este trabalho assemelha-se a diversas obras que o aluno pôde investigar durante os encontros (Figura 32).

Dessa forma é possível afirmar que o Malta, em sua produção final, mesclou diferentes materialidades de forma intuitiva, criando um livro tridimensional que une tradição e inovação. O aluno desafiou-se testando técnicas com as quais nunca havia trabalhado e foi descobrindo coisas novas durante todo o processo, porque, como observado, não há nada que o Malta não possa aprender.



Figura 31: Bíblia de Gutenberg, Século XV.
Fonte: EDITORA ULTIMATO ONLINE. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/exemplares-raros-da-biblia-de-gutenberg-estao-disponiveis-online>>. Acesso em: out. 2024.

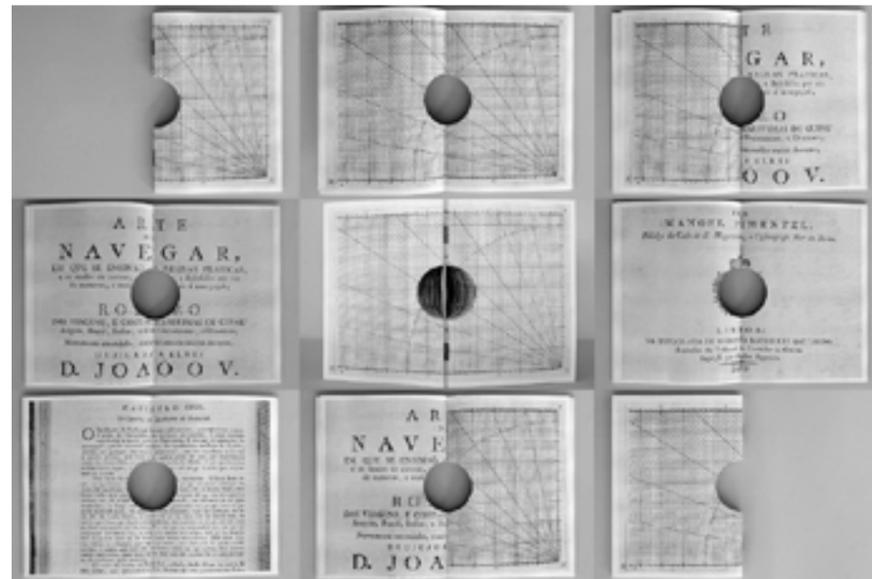


Figura 32: *Arte de navegar*, Lucia Loeb, 2018.
Fonte: LUCIA LOEB SITE. Disponível em: <<http://www.lucialoeb.com/l063.htm>>. Acesso em: out. 2024.

8.3. *Terroros do Raul*

O Raul já é um escritor. Essa foi a frase que mais repeti para ele, desde a primeira aula até a devolutiva final: “você já é um escritor”. O aluno Raul, que também estuda desde pequeno no Colégio e teve contato com a prática do Texto Livre, não só possui uma relação muito próxima com a escrita como também carrega consigo uma identidade literária bem estabelecida – quando lemos um texto do Raul, sabemos que foi ele quem escreveu.

O aluno, que também está na Autonomia de Trabalho, tem um grande apreço pela literatura e, ao iniciar sua participação no plano de curso, relatou que esta era uma oportunidade para poder praticar e exercitar sua escrita. Aficionado por contos de terror e admirador das produções de Edgar Allan Poe e Augusto dos Anjos, Raul possui uma escrita muito particular, pela qual consegue descrever as verdades duras da vida de maneira excepcional. Em suas produções, há uma sensibilidade na escolha das palavras e uma maneira humana e carnal de retratar a beleza do fim da nossa espécie – é brilhante a forma como ele descreve sutilmente o pior de nós, a catástrofe do fim do mundo, de uma forma poética que chega a ser linda. Ao conhecer pessoalmente o Raul, torna-

se intrigante ver o contraponto entre sua escrita sombria e melancólica e sua personalidade amável, amigável e gentil com todos (Figura 33). Creio que os grandes escritores sempre guardam alguns segredos.

Ao analisar as criações do aluno durante os encontros, é possível observar o seu fascínio por palavras grandes, rebuscadas e com significados profundos. Além disso, a estética das letras também torna-se uma particularidade do Raul – uma linha trêmula, rabiscada, como se viesse carregada de medo ou desespero (Figura 34). Essas marcas registradas tornaram-se ainda mais notáveis quando pedi que os alunos escrevessem uma carta de amor. Ao escolher o próprio sentimento como destinatário, Raul elabora uma carta que foge do comumente esperado - reconhecendo o amor como uma maldição, o aluno nomeia-se como um poeta desapontado, implorando que esse sentimento o deixe em paz (Figura 35).

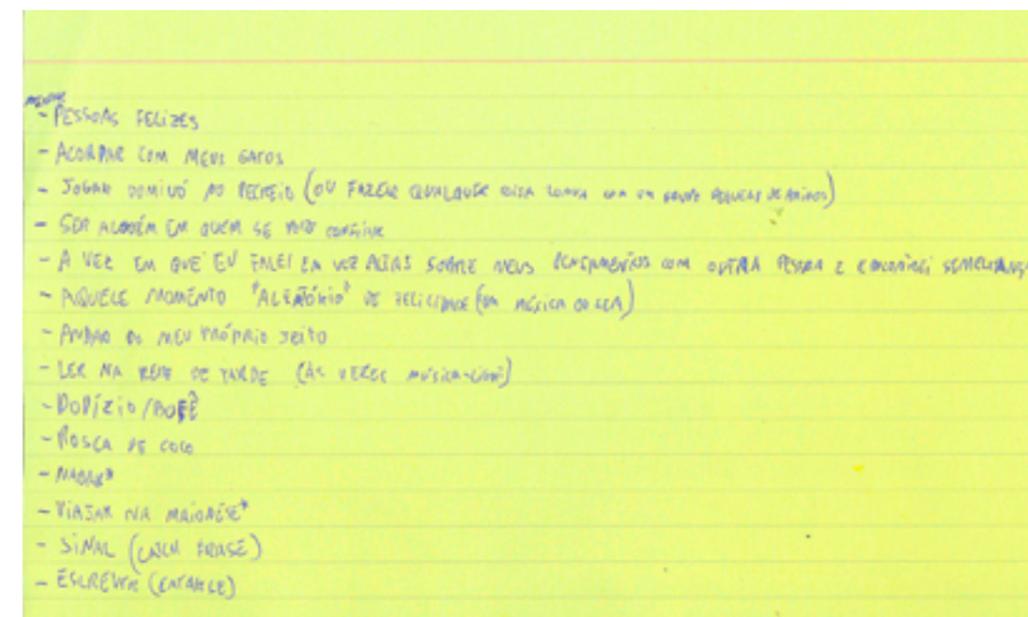


Figura 33: Registro da lista de pequenas alegrias criada pelo aluno Raul. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024

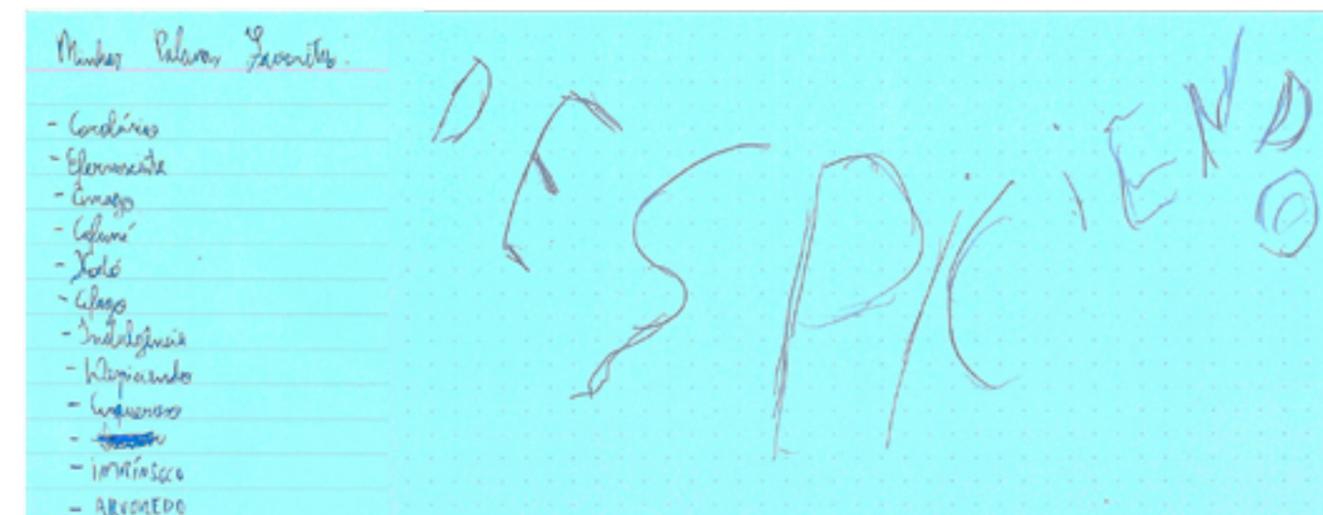


Figura 34: Registro da lista de palavras favoritas do aluno Raul. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024

Amor,
Tenho formalmente de solicitar perante você e alguma coisa, que me
deixe estar. De modo desesperado não esperar, em despois prefendo, aquilo que
não me espera.
Pois tu és o maior do novo inimigo, vil bondade, amargor na felicidade.
Por tu comesas guerra e terminas amizade. Quê não se contraria?
Vês! Tu me irredutível! Cito na escrita tu me és um
relatório! Me deixas e por condão me liberto de
confusão de sentido e sensação.
Nasce frio no verão e calor no inverno! No
feliz em sofrer, se delicia nas danças do inferno!
Basta! Em tua natureza continua a contrariedade
de todas as coisas, eis um afronta a racionalidade.
Meu orgulho incomparável te supera, meu raciocínio
superior te condena!
Tu, a última das quimeras contemporâneas, mãe de
todas as enfermidades, pois que tenho pena, deste que lhe
escrevo, que já cansou de amar em desperdo e se despois com
o amor.
Esperando serpostos em alguém que acabe o meu
sofria, nem um pouco atenciosamente,
Um poeta desapercebido

Figura 35: Registro da carta escrita pelo aluno Raul Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024

Toda a trajetória de seu processo criativo resultou na criação da obra *Epitáfio de uma Consciência* (Figura 36), um Livro de Artista que caminha em conformidade com estética tradicional dos livros, mas que possui uma experimentação na forma da escrita. A produção conta com um miolo de folhas sulfite revestido por uma capa dura de veludo preto que, ao ser colada, criou uma interessante textura de ranhuras, que se assemelham a veias, conversando com a temática do livro. Ao discorrer sobre a morte e a decadência da existência humana, Raul traz seu texto escrito em grafite, explorando de forma interessante o uso desse material sobre a folha branca – a tipografia característica de suas produções se faz presente e possui uma marca registrada na letra O, que é representada em formato de espiral, remetendo a um buraco negro (Figura 37). A produção também conta com algumas ilustrações que complementam a leitura, assemelhando-se ao formato das produções literárias de seus autores favoritos. A produção final de Raul evidencia o quão importante são suas referências, de tal maneira que a obra criada pelo aluno remete à estética dos livros de Edgar Allan Poe (Figura 38), por exemplo. No entanto, também é possível observar o grau de autoria e autenticidade na obra, uma vez que o aluno desenvolveu seu próprio estilo de escrita e uma tipografia única, cheia de personalidade. O aluno Raul, com toda certeza, já é um escritor.



Figura 36: *Epitáfio de uma Consciência*. Livro de Artista. 15x 21 cm. 2024.

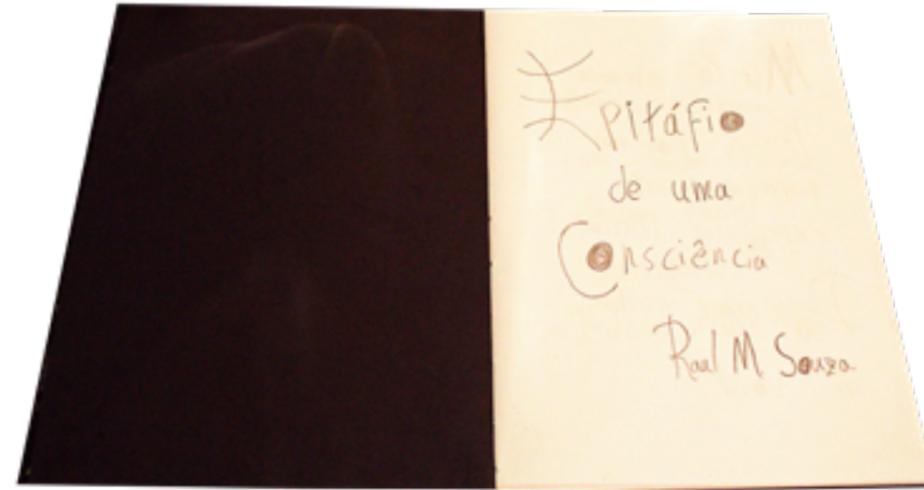


Figura 37: Registro da primeira página do Livro de Artista do aluno Raul Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024



Figura 38: Box de livros de Edgar Allan Poe. Fonte: LPRD Distribuição. Disponível em: <<https://www.livrospararevenda.com.br/box-edgar-allan-poe-autor-edgar-allan-poe-ed-pe-da-letra-p75>>. Acesso em: out. 2024.

8.4. Metamorfoses da Lívia

Transformação. Essa é a palavra que melhor define a trajetória da Lívia durante os encontros. Pertencente à Autonomia de Grupo, a aluna chegou ao Colégio Santa Felicidade no início de 2024 e, ao receber o convite para participar do plano de curso, decidiu embarcar nessa experiência. Embora ainda não tivesse criado vínculos com os colegas, Lívia sempre se mostrou muito alegre, gentil e comunicativa e, graças às atividades ofertadas nas aulas, a turma pôde conhecer aos poucos sua incrível personalidade. Logo na primeira aula, a aluna nos encantou com sua lista de fatos e gostos que a descreviam (Figura 39), já demonstrando ser uma pessoa eclética, que está sempre em busca de conhecimento.

Embora não tenha conseguido participar de todos os encontros, suas participações foram excepcionais e é possível notar que viver essa experiência surtiu efeitos muito positivos na vida da aluna. Ao longo dos encontros, Lívia desenvolveu uma forte amizade com os outros colegas do grupo e, no dia a dia da escola, encontrou seu lugar e sua voz.

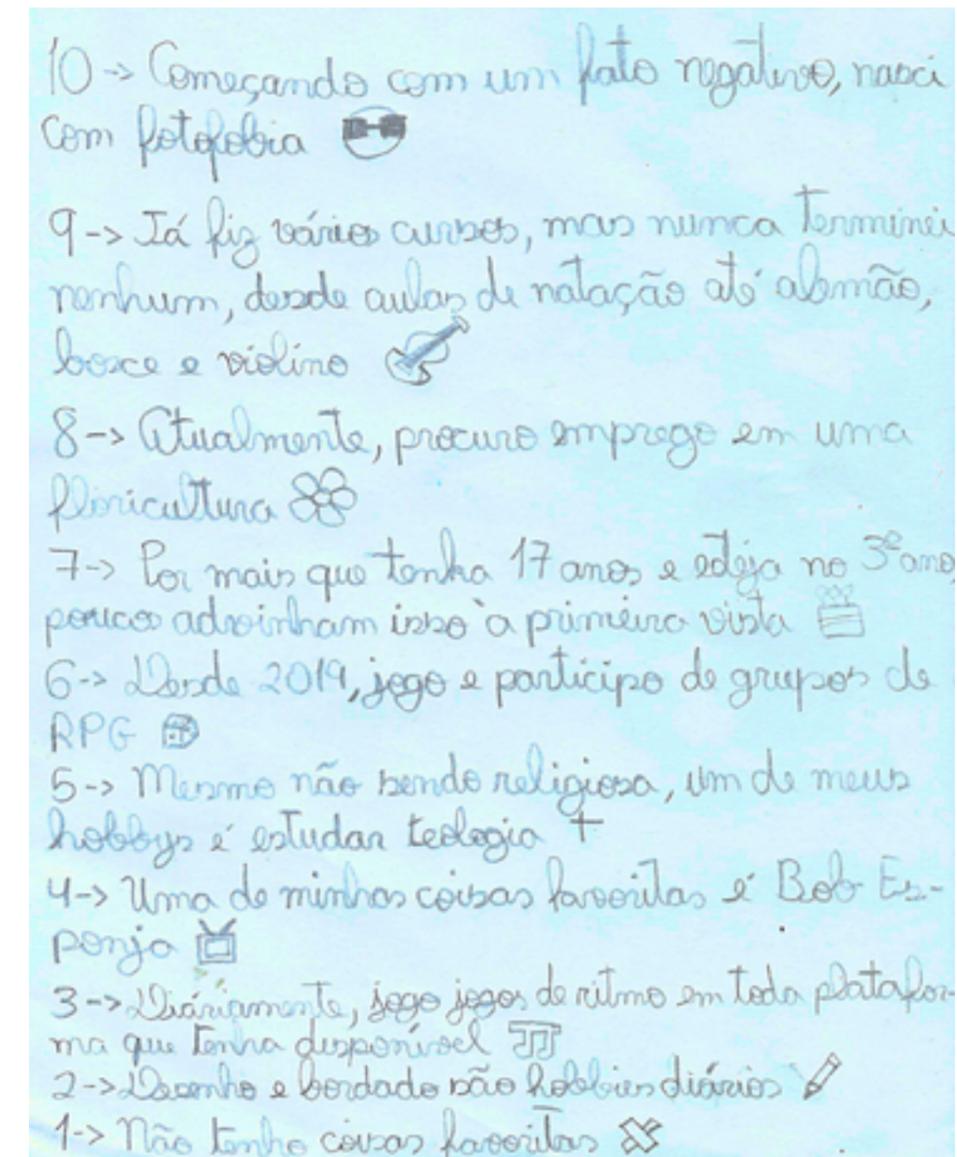


Figura 39: Registro da lista de fatos e gostos escrita pela aluna Lívia. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024

A produção final da aluna foi norteadada por uma obra presente em seu repertório – *Metamorfose* (1915), de Franz Kafka. Livia decidiu que queria abordar o tema da transformação do ser e, utilizando trechos da obra de Kafka como inspiração (Figura 40), desenvolveu um Livro de Artista que carrega o mesmo nome da obra do autor. Contendo uma capa em papel paraná que recobre uma sequência de folhas sulfites, a aluna traz em sua obra *Metamorfose* (Figura 41) a trajetória das fases da mariposa em contraste às transformações da borboleta. Em sua produção, a sequência de textos e imagens cria uma narrativa sobre como a mariposa é sempre associada a algo ruim e como ela, que não possui uma aparência radiante como a borboleta, deseja desesperadamente ser como as outras.

Ao escolher a mariposa como protagonista da narrativa, a aluna cria uma metáfora que representa o misto de sensações que envolve autoestima, comparação e inveja, trazendo à tona uma discussão importante sobre temáticas que são muito comuns no período da adolescência e que afetam, em sua grande maioria, os cotidianos femininos – ao olhar para uma garota aparentemente mais bonita, mais aceita e mais desejada, uma adolescente que não gosta da própria aparência sonha desesperadamente em ser como ela.

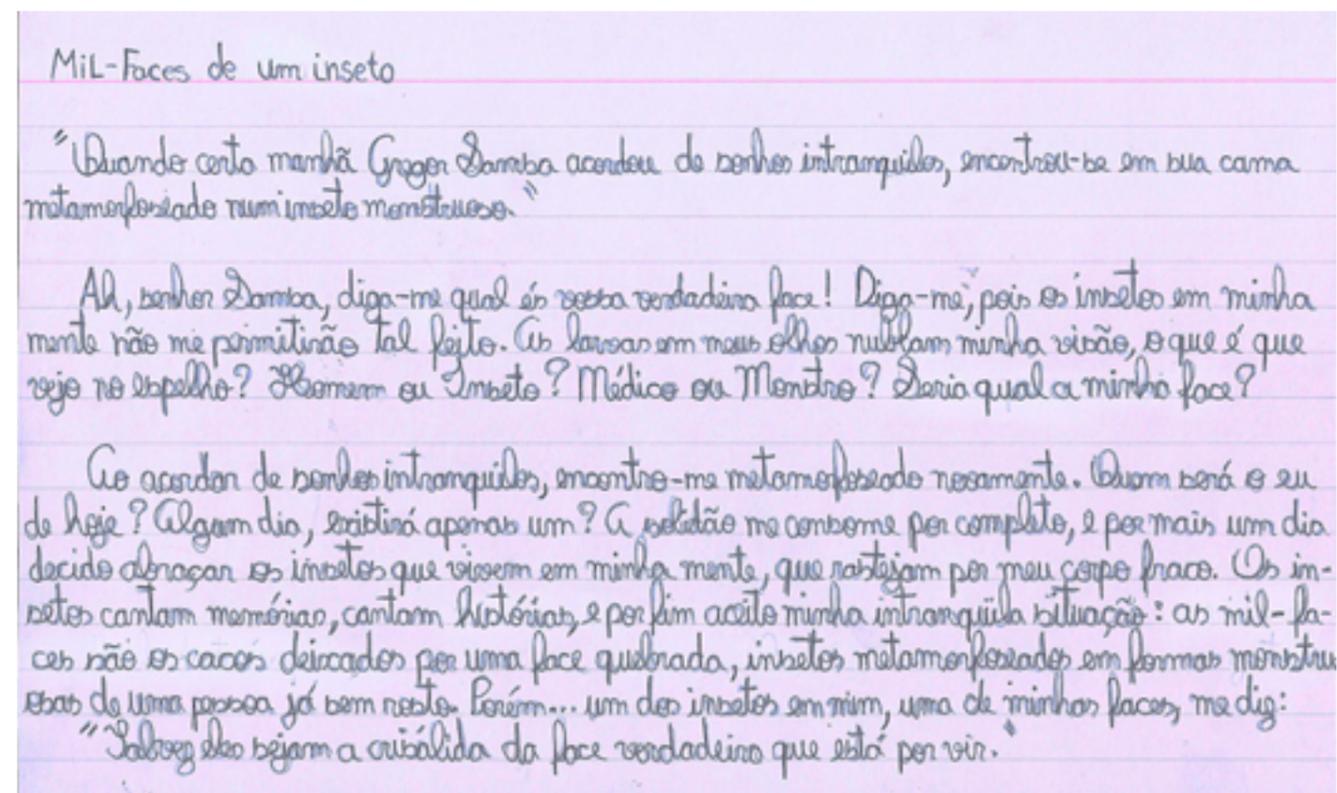


Figura 40: Registro do primeiro rascunho do projeto desenvolvido pela aluna Livia Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024



Figura 41: *Metamorfose*. Livia. Livro de Artista. 14x18 cm. 2024.

Mesclando citações da obra de Kafka, trechos autorais, ilustrações e colagens, Livia aborda esses temas com uma sensibilidade poética, construindo uma narrativa que se inicia retratando as diferenças notáveis entre a borboleta e a mariposa e o desejo de ser como as outras, mas que termina exaltando a beleza que existe na diversidade e nas individualidades de cada indivíduo. Mais uma vez, a metáfora criada a partir de seres da natureza tem o intuito de representar as vivências humanas.

A obra final aproxima-se esteticamente à tradicionalidade do formato do livro, no entanto a aluna se aventura ao explorar as possibilidades de inserção da palavra – através da transparência e de dobradoras interativas (Figura 42) – e inova ao construir uma lombada em formato de sanfona que, quando aberta, remete ao movimento das asas da mariposa (Figura 43). Embora Livia não tenha entrado em contato com a obra *Fra Angelico* (1997), de Waltercio Caldas (Figura 44), a produção final da aluna assemelha-se ao livro do artista na experimentação das dobraduras da folha, revelando os escritos.



Figura 42: Registro do Livro de Artista criado pela aluna Lívia aberto. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

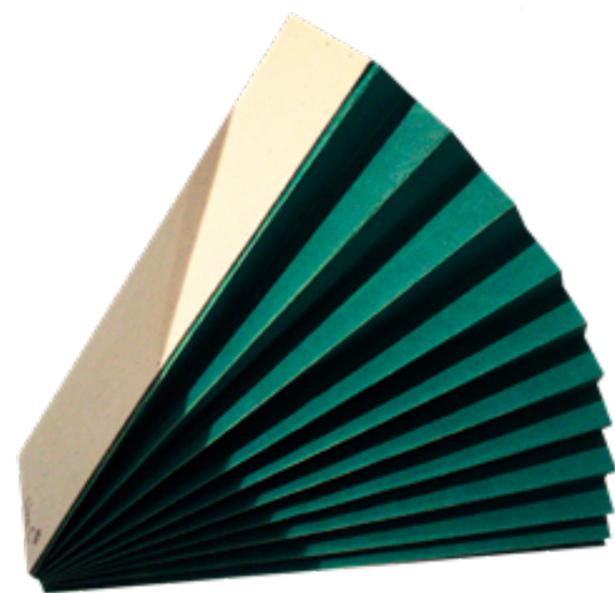


Figura 43: Registro da lombada do livro desenvolvido pela aluna Lívia. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

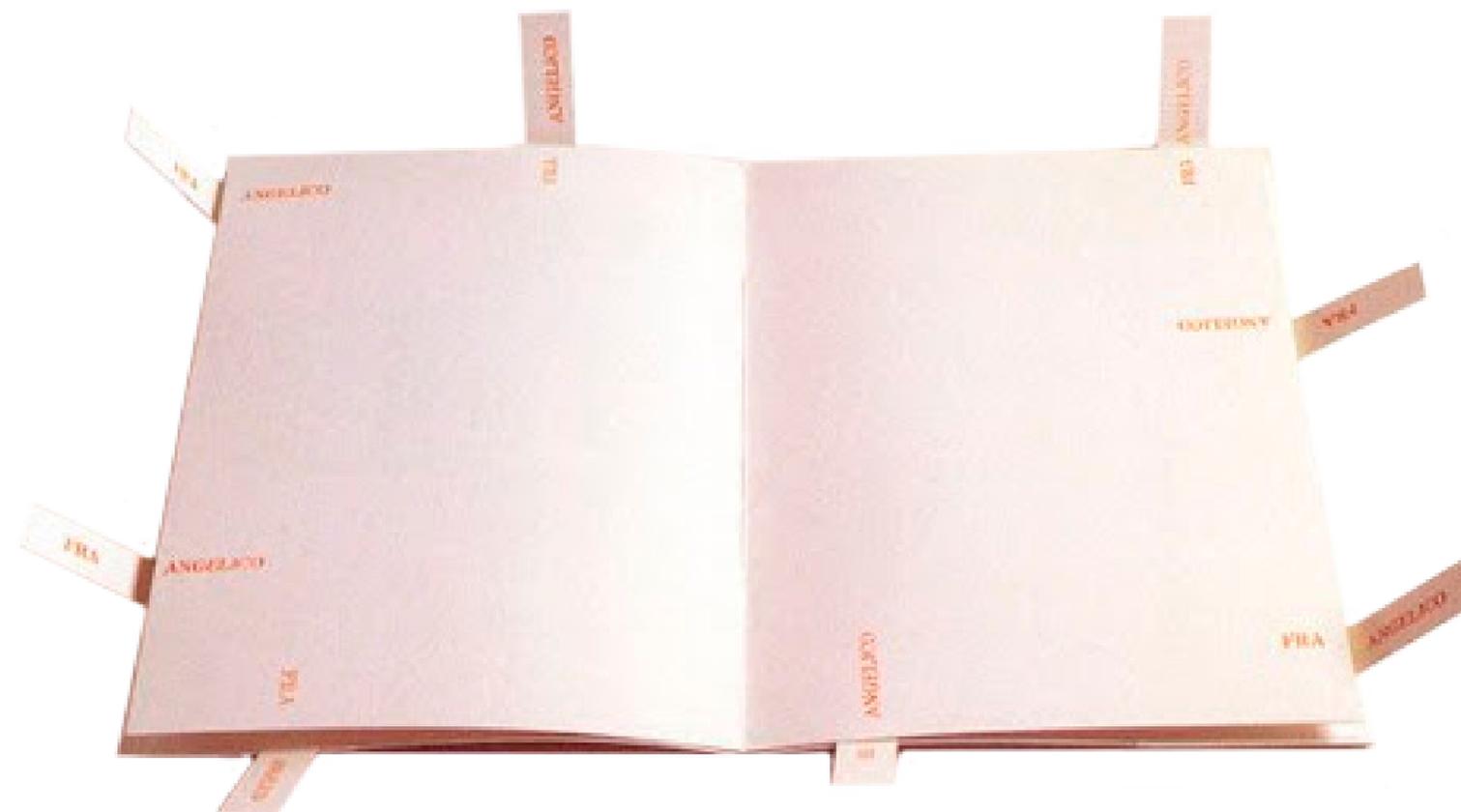


Figura 44: *Fra Angelico*, Waltercio Caldas, 1997. Fonte: GALERIA CLIMA. Disponível em: <http://galeriaclima.com.br/mobile/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=103&cod_Serie=126>. Acesso em: out. 2024.

Através deste fato, nota-se que é possível estabelecer conexões entre as produções dos alunos e obras de artistas reconhecidos, tanto nas situações em que essas são apresentadas anteriormente, sendo utilizadas como fonte de inspiração, quanto nos casos em que essas conexões ocorrem posteriormente, por coincidência. Neste segundo caso, cabe ao professor, enquanto mediador dos processos em sala de aula, apresentar essas conexões aos alunos após a apresentação de seus projetos.

Ao fim de sua trajetória nos encontros do plano de curso, Lívia já não era mais a mesma pessoa que havia chegado no início do ano – pode-se dizer que a transformação descrita em seu livro também aconteceu com a própria autora da obra. Por meio da exploração de seu repertório e abordando uma temática desafiadora – a aluna, além de se identificar com o tema, também possui medo de insetos, o que postergou sua produção e a transformou em um enfrentamento quase agonizante –, Lívia criou uma produção sensível e reflexiva a respeito das metamorfoses do ser. Evidenciando que as mudanças são necessárias e que, muitas vezes, a transformação da nossa pele revela aquilo que carregamos em nosso interior, a obra de Lívia apresenta-se como um lembrete de que existe beleza nos ciclos e nas diversidades e

que podemos encontrar caminhos criativos e instigantes para enfrentar nossos medos, inclusive a apreensão que precede importantes mudanças.

8.5. O vínculo de todas as almas

Ao analisar os processos criativos e as produções finais de cada aluno, é possível notar a coexistência da individualidade e da coletividade no contexto escolar. Embora cada aluno escolha seguir sua própria trajetória e temática a ser abordada, sendo inspirado por seu repertório pessoal e referências, o ato de coexistir no espaço de sala de aula torna impossível o fato de que a existência de um ser não afete as existências dos demais. Ao longo dos encontros, foram propostas atividades que, inspiradas pelos ideais freinetianos, exaltassem a importância do trabalho coletivo e como as contribuições do outro podem engrandecer o trabalho do aluno (Figura 45).

Observando as produções realizadas, nota-se a conexão entre os processos artísticos dos alunos e a importância da presença do afeto no contexto escolar. Ao longo de todos os encontros, o afeto se fez presente de diferentes formas, uma vez que os alunos foram afetados



Figura 45: Registro dos textos escritos coletivamente através de intervenções dos alunos. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

pelos textos e obras que lhes foram apresentados, pelas existências e contribuições dos outros colegas e pelos próprios processos, os quais carregam consigo a possibilidade de gerar *insights* de autoconhecimento e de autodesafio. Além disso, o fato de deixar claro desde o início das aulas que aquele era um ambiente seguro para se expressar livremente, permitiu que os alunos pudessem escolher tratar de temas pessoais e construir obras que falassem sobre aquilo que os afeta internamente. Neste processo, utilizar a escrita poética e abrir um leque de possibilidades do uso das materialidades propiciou um espaço no qual os sentimentos e emoções de cada um fossem ouvidos e valorizados.

Além das conexões com a temática do afeto, as obras finalizadas exemplificam o poder das referências no processo criativo dos alunos. Cada um, à sua maneira, fez uso tanto das referências apresentadas em sala quanto do repertório prévio que carrega consigo – gostos, preferências, conexões e habilidades. Novamente esse fato prova o ponto de que os alunos não chegam em sala de aula como uma tela em branco, pois cada um carrega consigo as marcas do seu existir – ensinamentos ancestrais, valores, opiniões e elementos culturais específicos, relacionados àquilo

que consomem como filmes, livros, músicas, entre outros. Como citado anteriormente, é possível analisar as vivências aqui apresentadas sobre a ótica de Fayga Ostrower, autora defensora da ideia de que os processos de criação podem ser influenciados por múltiplos fatores. Segundo Ostrower, o repertório e as referências são elementos importantes no processo criativo, uma vez que os humanos são seres culturais:

Não há, para o ser humano, um desenvolvimento biológico que possa ocorrer independente do cultural. O comportamento de cada ser humano se molda pelos padrões culturais, históricos, do grupo em que ele, indivíduo, nasce e cresce. Ainda vinculado aos mesmos padrões coletivos, ele se desenvolverá enquanto individualidade, com seu modo pessoal de agir, seus sonhos, suas aspirações e seus eventuais resultados (Ostrower, 2010, p. 11-12).

Nesta lógica, o indivíduo é transformado a partir das contribuições de seus grupos de convivência, mas também há uma parte de si que se desenvolve de maneira individual, com particularidades que dizem respeito somente a sua personalidade. Essa dualidade descrita por Ostrower pode ser facilmente notada ao observar a justaposição do processo dos alunos e das produções finais – embora sejam afetados

pela forma que foram criados e pela presença dos demais colegas, cada aluno decide trilhar sua própria trajetória, realizando criações ímpares.

Analisando especificamente os processos de escrita e a escolha de materialidades, é possível concluir que o contexto escolar no qual os alunos estão inseridos e as ferramentas utilizadas pela metodologia desenvolvida neste contexto exerceram forte influência nas escolhas poéticas e estéticas. É notável que os alunos que tiveram um contato prévio com a técnica do Texto Livre possuem uma grande facilidade nas construções textuais. Ao se mostrarem acostumados a passar por todas as etapas que envolvem a reescrita e o tratamento visual, esses alunos tendem a produzir não somente textos elaborados e bem escritos, mas desenvolvem uma preocupação com a estética do suporte dessas produções. No âmbito da utilização das materialidades, os alunos foram extremamente criativos e inovadores, explorando e combinando diferentes materiais, sem medos ou restrições. Por estarem inseridos em uma escola Freinet, a qual possui uma papelaria com materiais artísticos variados à disposição dos alunos, este grupo de estudantes foi ambicioso nessa exploração, sabendo também respeitar seus limites. Dessa forma, observa-

se que “a disposição material da classe Freinet é por si só um convite à comunicação e ao trabalho” (Elias, 2002, p. 160), criando um ambiente com a infraestrutura necessária para projetos artísticos elaborados.

A junção entre as escritas poéticas e a exploração de materialidades resultou em produções criativas, cativantes e sensíveis. Embora as características pessoais dos alunos tenham um grande peso no resultado dessas criações, novamente o contexto escolar exerce sua influência – ao promover um processo de avaliação diferenciado, o qual defende o desenvolvimento de projetos no lugar da elaboração de provas, a escola Freinet permite que os alunos explorem suas potencialidades, desenvolvendo trabalhos complexos, interdisciplinares e nos mais variados formatos:

Na classe cooperativa, a criança não faz lição para receber uma nota do professor, mas sim realiza um trabalho criativo e recebe dos destinatários de suas produções comentários críticos, sugestões, solicitações e outras produções. Os exercícios convencionais cedem lugar à edição de jornais, álbuns, revistas, livros; à realização de enquetes, pesquisas, exposições, projetos, dramatizações e visitas (Elias, 2002, p. 159).

Dessa forma, nota-se que o ambiente escolar promovido pela Pedagogia Freinet permite que o aluno entre em contato com diferentes tipos de suporte de criação desde a etapa da Educação Básica. Esta metodologia, faz com que os alunos expandam seus horizontes e busquem elaborar projetos que fujam do convencional.

Analisando as produções como um todo, percebe-se que os alunos desenvolveram uma sequência de etapas de um processo criativo por meio do qual puderam entrar em contato com diferentes referências e experimentações, permitindo a liberdade de escolha da temática final dos livros. Nesta análise, nota-se a importância do repertório e do contexto nos processos de criação dos alunos, uma vez que uma sala de aula afetiva, que permite a construção coletiva e abre espaço para a valorização dos conhecimentos prévios e das manifestações sentimentais, torna-se um ambiente fértil para criações sensíveis, criativas e autônomas.

Ao vivenciar todas as etapas juntamente com os alunos, esta experiência me incentivou a voltar a produzir, tanto no campo das produções tridimensionais quanto no campo da escrita, reforçando a ideia de que uma arte educadora

que mantém viva sua pesquisa, tanto teórica quanto prática, buscando novas referências e experimentando materialidades, possui um repertório mais vasto, levando proposições artísticas mais aprofundadas para seus alunos.



Considerações Finais

relicário
almas
existência
educação

Considerações Finais

Esta pesquisa aborda as possibilidades de inserção da escrita poética nos processos de criação de Livros de Artista dentro do contexto educacional, com o objetivo de explorar a expressão da subjetividade e da criatividade dos alunos a partir de vivências e repertórios pessoais. Embasado nos estudos e teorias de Paulo Silveira, Celestin Freinet, Henri Wallon e Fayga Ostrower, este trabalho contempla uma análise dos conceitos de Livro de Artista, Texto Livre e Afeto, buscando possíveis conexões e influências sobre o processo criativo, bem como a aplicação de um plano de curso, desenvolvido com o objetivo de analisar de maneira prática os conteúdos aqui apresentados.

Ao longo do processo da aplicação do plano, os alunos exploraram temas que dialogavam com suas memórias, sentimentos e percepções de mundo. Os trabalhos desenvolvidos contemplam a experimentação de materialidades e a exploração das possibilidades de inserção da escrita em produções tridimensionais de maneira sensível e poética. Ao analisar os Livros de Artista criados, torna-se notável que a presença dos conceitos vinculados à Pedagogia Freinet e ao afeto na construção das aulas gera um

grande diferencial. Permitindo que os alunos tenham maior autonomia nas etapas de criação e explorem temáticas relacionadas ao campo afetivo, tais elementos conduzem os estudantes a voltarem seus olhares para o interior, explorando aquilo que constitui seus universos pessoais. As produções revelaram um crescimento significativo no campo da articulação entre texto e imagem, desenvolvendo habilidades socioemocionais e fortalecendo a percepção estética. O protagonismo dos alunos nesse processo ficou evidente em cada etapa de produção, refletindo o impacto positivo da inserção de práticas artísticas em diferentes suportes no ambiente educacional.

As produções desenvolvidas pelos alunos, bem como a instalação criada por mim, inspirada pelas vivências em sala de aula e intitulada com *Relicários da Minha Alma* (2024), farão parte da Exposição Experimental *ECOS: Entre Vozes e Existências* (Figura 46), na Galeria de Artes da PUC Campinas, no final de novembro de 2024. A exposição contará com as produções dos alunos concluintes do curso de Licenciatura em Artes Visuais e conecta todos os trabalhos através do conceito da reverberação – a minha existência reverbera na existência dos alunos e vice-versa.



Figura 46: Registro da obra *Relicários da Minha Alma*, na Exposição *ECOS: Entre Vozes e Existências*. Vanini, Tamires. Fonte: Acervo pessoal. 2024.

Ao produzir uma instalação que remete esteticamente a uma parede de retratos e memórias de família, busco representar como o afeto interligou nossas existências durante as aulas e como os processos criativos dos alunos me afetaram, me fazendo ter um olhar mais sensível perante as sutilezas e as pequenas belezas do cotidiano da escola.

Esta pesquisa traz contribuições para a Educação Básica ao incentivar a experimentação de materialidades e o reconhecimento do repertório cultural e socioemocional dos alunos, ao valorizar a presença de conversas a respeito de sentimentos e emoções em sala de aula e vincular o afeto às relações envolvidas neste contexto, ao conectar o processo da escrita à produção manual, demonstrando a importância do diálogo entre diferentes linguagens, e ao explorar a produção tridimensional, rompendo com o padrão de produzir desenhos bidimensionais vinculado às aulas de arte nas escolas.

O desenvolvimento desta pesquisa, bem como as trocas realizadas com os alunos durante todo o processo, contribuíram positivamente para a minha formação enquanto artista e arte educadora. Ao entrar em contato com teorias que defendem a presença do afeto na educação e a valorização

das vozes e vivências dos alunos, a produção deste trabalho me inspira a lutar por uma educação mais humana e a transformar a sala de aula em um ambiente acolhedor e seguro, para que os estudantes possam ser quem são, sem medo de julgamentos. Por meio das contribuições e das produções dos alunos, pude desenvolver um olhar mais atento aos detalhes que cercam o cotidiano da escola, encontrando beleza nas sutilezas. Além disso, o fato de observar os alunos empenhados em elaborar suas produções artísticas diariamente me motivou a continuar investigando meus processos enquanto artista. Os processos criativos dos alunos enriquecem o meu e a recíproca também é verdadeira.

Após a finalização desta pesquisa, pretendo continuar investigando as temáticas abordadas e seus possíveis desdobramentos no contexto escolar. Por meio de todas as conexões estabelecidas neste trabalho, entre a teoria e a prática, afirmo que se torna imprescindível lutar por uma educação de qualidade, que valorize as emoções, os repertórios e as vivências dos alunos, bem como os processos de criação e experimentação, não hierarquizando o saber analítico e os saberes práticos, relacionados à experiência e às práticas subjetivas. Sabendo do valor daquilo que sentem e possuindo espaços seguros

para se manifestar como desejarem, os alunos conquistam a possibilidade de externalizar aquilo que move suas almas, seja em fotografias, desenhos, colagem, livros ou poesias. Sejam quais forem os suportes, se construídos com afeto, tornam-se refúgios desses sentimentos, como relicários dessas almas.



Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. (orgs.). Por uma Pedagogia Freinet: bases epistêmicas e metodológicas. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

BARBOSA, A. M. Síntese da Arte-Educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras. Revista Polyphonia, v. 27, n. 2, p. 19-39, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/44693/22093>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BOLEIZ JUNIOR, F. Célestin Freinet: sua concepção de educação popular e suas técnicas inovadoras. Revista Educação Popular, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 185-20, set-dez. 2023.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras exceções. Brasília: Casa Civil, 1971.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Casa Civil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

ELIAS, M. D. C. (org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática. 3.ed. Campinas: Papirus, 2002.

EMICIDA. AmarElo. São Paulo: Sony Music sob licença exclusiva do Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/5cUY5chmS86cdonhoFdn8h?si=4Nsuv7vvQKKuwSmmzoeOSA>> Acesso em: 05 mar. 2024.

LIVRO In: MICHAELIS. Cajamar: Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/livro/>>. Acesso em: 07 mai. 2024.

MAHONEY, A. A.; DE ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da educação, n. 20, 2005, p. 11-30.

NANNINI, P. B. R. Livro de Artista e o Universo das Palavras. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2016, p. 1-16.

OSTROWER, F. Criatividade e Processos de Criação, 25ª ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

SILVA, R. J. B. O sentido e o significado da afetividade e da interação no processo de ensino e aprendizagem. XII Encontro Regional Sudeste de História Oral, 2017.

SILVEIRA, P. A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. DOI: 10.7476/9788538603900. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/2pwn4/epub/silveira-9788538603900.epub>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

